



Classe 23
28

ANTROPOMETRIA DA TRIBO MACONDE

(PRIMEIROS SUBSÍDIOS)

CARLOS SANTOS REIS

Assistente do I. M. T.

ESCOLA NACIONAL DE SAÚDE PÚBLICA
E DE MEDICINA TROPICAL
DE LISBOA
BIBLIOTECA

Separata dos ANAIS DO INSTITUTO DE MEDICINA TROPICAL, Volume XIII, N.º 4
Dezembro de 1956

ANTROPOMETRIA DA TRIBO MACONDE (1)

(PRIMEIROS SUBSÍDIOS)

CARLOS SANTOS REIS

Assistente do I. M. T.

INTRODUÇÃO

O fluxo e refluxo das populações africanas tem sido constante através dos séculos. Hoje, lenta e pacificamente, como outrora o faziam violenta e brutalmente, ao som dos tambores e cânticos guerreiros, os povos negros mantêm-se em contínuo movimento, impelidos, quase sempre, pelas necessidades agrícolas que lhes cria a pobreza dum solo que alternadamente é requeimado pela ardente canícula e açoitado pelas chuvas torrenciais (Carothers, 14). Daí a profunda e extensa micedenação que se vai verificando, cada vez mais aceleradamente, entre os seus diversos agrupamentos e lhes cerceia a sua pureza antropológica e cultural.

Ora, ao norte da Província de Moçambique, nas proximidades do Rovuma, encontra-se uma dessas regiões africanas onde se cruzaram várias tribos, invasoras umas, outras primitivas, umas em período de próspero desenvolvimento, outras decandentes (Andrade Corvo, 19), cujo amalgamento foi apressado e facilitado pela profunda islamização a que foram sujeitos por um milenário contacto

(1) Entregue para publicação em 9-10-56.

com os «Mouros» escravagistas. De entre todas elas uma há, porém, que claramente se distingue pela sua antropologia, pela sua linguística e pela sua etnografia, de todas as outras suas vizinhas. É a tribo dos Macondes.

Mercê da endogamia que praticaram sempre e do intransigente isolamento em que viveram até aos nossos dias (1917), isolamento a que só a coluna de Neutel de Abreu conseguiu pôr termo (28), este povo mantém em grande parte os seus caracteres escapos a deformações por contactos estranhos, bastando mesmo as profundas mutilações que usam (tatuagens em relevo, afilamento dos incisivos e botoque labial), e que bem merecem um mais detalhado estudo, que esperamos ainda poder vir a dedicar-lhes, para que facilmente os identifiquemos à primeira vista (58) (Figuras 1 e 2).

Quando, porém, quisemos aprofundar o seu conhecimento, verificamos a lamentável escassez da contribuição portuguesa para o estudo desta tribo. Além de algumas referências, quase sempre esporádicas e incompletas, dispersas por vários trabalhos, entre os quais é justo salientar os de Azevedo Coutinho (22), Almeida da Cunha (23) e Worsfold (68), apenas temos conhecimento dum pequeno artigo dum Missionário holandês, que depois verificamos ser o Padre Koch, sem nenhum interesse etnográfico (35), os de Brito e Abreu (1) e do malogrado F. Ferreirinha (2) sobre a sua estatuária em madeira e um apontamento de Simões Alberto (2) sobre uma sua dança muito característica: o «Mapico».

Porque tais elementos eram manifestamente insuficientes para o integral conhecimento dos Macondes, dedicamos os poucos ócios que os nossos afazeres médico-cirúrgicos nos consentiam para irmos compilando dados concretos que permitissem, muito embora modestamente, aclarar um pouco este complexo problema da Etnografia moçambicana. Com base nos que fomos obtendo da observação de bastantes milhares de indígenas ao longo do triénio de 1952-1954 apresentamos já algumas considerações sobre a sua robustez (48, 49), as suas cerimónias iniciáticas da puberdade (50) e os seus grupos sanguíneos (51). Mas muitos outros aspectos há ainda que abordar, um dos quais, e de maior importância, é sem dúvida o conhecimento da sua antropometria, um dos mais fortes esteios da correcta identificação racial.

Infelizmente os estudos da Antropologia física dos povos indi-

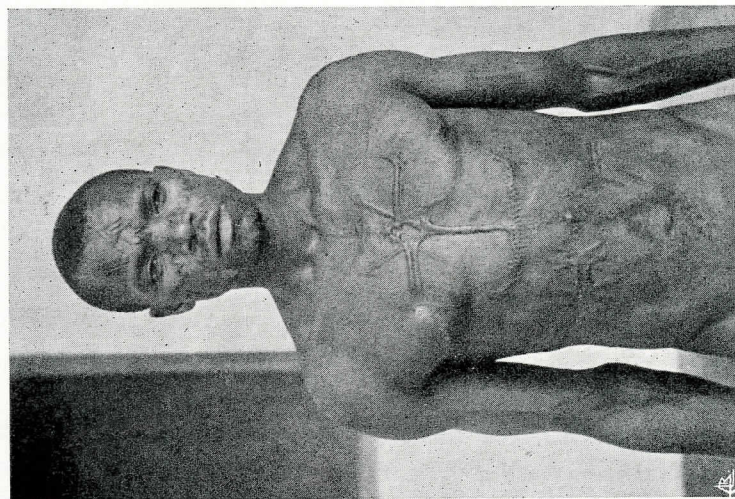


Fig. 1 — Homem Maconde

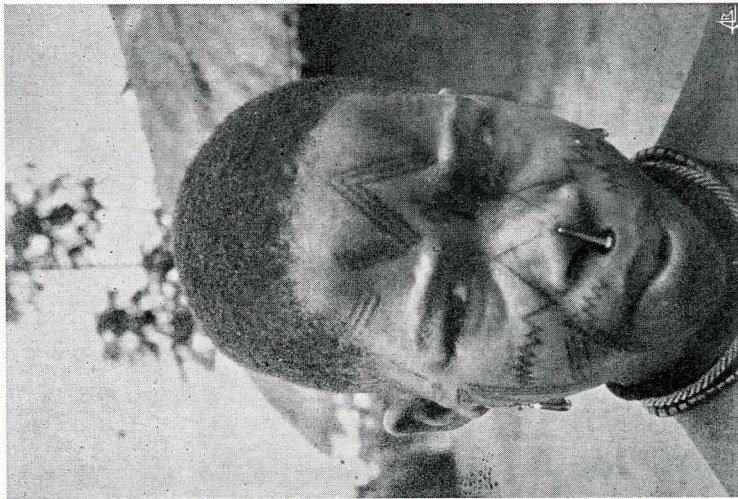


Fig. 2 — Mulher Maconde

genas de Moçambique são ainda muito diminutos e para os Macondes praticamente inexistentes.

Apenas conseguimos averiguar a existência de alguns dados fornecidos por Manso Perestrelo (47) que, baseado em 100 indígenas desta tribo, apresentou médias de alguns caracteres merísticos — estatura, envergadura, índice cefálico, índice geral da cabeça e índice frontal —, mas mesmo esses conservaram-se até aqui inéditos, embora datem de 1930. Mais recentemente (1946), a Missão Antropológica de Moçambique, chefiada pelo Professor J. R. dos Santos Júnior, observou, durante a sua 4.^a Campanha, 302 Macondes (200 varões e 102 fêmeas), mas não se publicaram ainda os resultados a que chegou (57). Em 1954 apresentamos nós alguns caracteres antropométricos (estatura, altura do busto, índice esquelético, perímetro torácico, peso e perímetros do abdómen, braço coxa e perna) em 815 destes nativos que estudamos sob o ponto de vista da sua robustez (48) e mais tarde publicamos as variações por eles experimentadas num lote de 386 trabalhadores desta tribo durante um período de seis meses (49).

Porque reputamos urgente o estudo deste grupo étnico que está a perder as suas características devido à micedenação que o começa a atingir e principalmente à influência da aculturação a que vem sendo sujeito, permitimo-nos apresentar à benevolência do leitor as modestas observações antropológicas que vão seguir-se, aguardando que estudos mais amplos e detalhados venham confirmar ou infirmar os resultados a que chegamos.

CAPÍTULO I

A TERRA E AS GENTES

A tribo Maconde é, ainda hoje, um dos mais complexos e difíceis problemas da antropologia moçambicana. Desconhece-se a sua origem, levantam-se dúvidas sobre a sua verdadeira denominação, discute-se ainda o seu enquadramento etnológico, ao mesmo tempo

que se ignora grande parte da sua antropologia, da sua linguística e até da sua etnografia.

Sem que queiramos pretender esclarecer todas as incógnitas que esta tribo tem suscitado, para tanto escasseia-nos a competência e excederíamos largamente os limites e ambições destas notas, julgamos, contudo, de interesse equacioná-las.

1 — *Origem da Tribo Maconde*

Crê-se geralmente — e muitos investigadores, seguindo Almeida Eça (26), Aires d'Ornelas (45) e Pereira Cabral (13), perfilham a mesma opinião — que eles são um ramo da grande família Macua que se diferenciou fortemente pelo isolamento a que se remeteu por largo período. Ainda muito recentemente (1955) foi esta a versão admitida (53).

Outros, porém, melhor informados ou com maior contacto com esta tribo — Andrade Corvo (19), Almeida Cunha (23), Palma Velho (67), Worsfold (68), Manso Perestrelo (47), Caetano Montez (43), Gonçalves Cota (21), Vitória Pereira (46), Abel Baptista (10), Viegas Garcia (34), Rita Ferreira (27) e alguns mais (1) — incluem-nos num grupo diferente, sem contudo lhes precisarem a origem.

A falta de bases verdadeiramente científicas que sustentem uma ou outra destas opiniões, frutos de apreciações fragmentárias e, não quantas vezes, meramente subjectivas, faz com que continuem a aparecer, por vezes até na mesma obra (2), critérios opostos para a classificação desta tribo. Se as últimas Cartas Etnográficas de Moçambique — Mendes Correia (18), Santos Júnior (59), H. Galvão & C. Selvagem (30) — continuam a manter os Macondes no grupo

(1) Como nota curiosa podemos acrescentar que já Oliveira Martins, ao dividir os povos que habitam a «Crafaria», inclui os Macuas no tipo «Moçambiques» e apresenta os «Macondas» (sic), muito verosimilmente os Macondes de hoje, juntamente com os «Varuas» no tipo «Zanzibar» (40).

(2) Estão neste caso H. Galvão & C. Selvagem que, na sua Carta Etnológica, os incluem nos Macuas, ao passo que no texto fazem deles um dos grandes grupos étnicos da Província, ao lado dos Tongas, Mutsua, Angone, Maganja, Macua, Ansenga, Nhungué, Sena, Suaili ou Quimuane, Ajauas e Nianjas (30).

Macua; outros há (Rita Ferreira, 27) que os apresentam como grupo independente; não faltando também quem conserve uma atitude dubitativa: «*Parece que os Mancondes deverão também ser incluídos (nos Macuas), mas certos autores pretendem para esses curiosos artistas da estatuária de madeira um grupo à parte*», escreve, por exemplo, Oliveira Boléo (12).

Por nosso lado, o contacto que mantivemos com este original e ainda tão desconhecido povo, deu-nos a certeza da sua independência do ramo Macua — o que aliás foi confirmado pela análise da sua serologia (51) — e levou-nos a concordar com os etnólogos que se têm dedicado ao estudo do sul e leste africanos, os quais, baseados na apreciação da sua numerosa (200.000) parcela que vive no Território do Tanganica, consideram os Macondes como um grupo diferente do Macua-Lómué e dos Ajauas e afim dos Mavias e Andondes (27).

Infelizmente não possuímos ainda dados suficientes para nos pronunciarmos sobre a sua possível e verdadeira origem.

2 — Denominação da Tribo

A publicação do recente «Código Etnológico das Populações Negras de Moçambique», que serviu de base aos trabalhos do recenseamento levado a efeito em 1950, trouxe, em nossa opinião, mais um elemento de confusão para o conhecimento deste povo.

Nele (53) se reconhecem oito grandes grupos étnicos — Macuas, Nianjas, Ajauas ou Ajaus, Angónis, Chopes ou Muchopes, Sengas ou Mocarangos, Tonas e Rongas — que se subdividem em treze subgrupos. Os Macondes são apresentados como constituindo um ramo Macua, como referimos já, e subdivididos por sua vez em três tribos: Mavia, Matambué e Andonde, esta último ainda com a subtribo dos Totes.

Mesmo passando em claro a errónea classificação do grupo, não podemos concordar inteiramente com a subsequente divisão. O estreito contacto que mantivemos com os Macondes e as fidedignas informações que sobre eles recolhemos de indivíduos há longos anos residentes na sua região, forneceram-nos as seguintes indicações:

— Mavia é a denominação antiga deste povo, muito verosimilmente resultante de adulteração do termo indígena «Máuia» com que

os indígenas do litoral designam depreciativamente os habitantes do planalto dos Macondes (1). Em três anos de permanência na região nunca encontramos esta designação na boca nem de europeus nem de indígenas.

— Matambué é um pequeno ramo, absolutamente indiferenciado da restante tribo Maconde, que assim se denominam a si próprios pela localidade em que habitam: Mutamba dos Macondes. Trata-se, pois, dum mero regionalismo, incaracterístico.

— Andondes são já uma outra tribo, bastante distinta, como por exemplo, pelo facto de os homens não se mutilarem e as mulheres usarem outras alterações em que se incluem monstruosas perfurações auriculares (Figura 3), muito embora seja sua afim, e, possivelmente, com uma origem comum.

— Não possuímos elementos suficientes para nos pronunciarmos sobre o caso dos Totes, mas ficou-nos a impressão de que, como para os Matambués, se trata apenas dum simples regionalismo geográfico.

— Outros grupos há, normalmente isolados deste povo e que, contudo, nele devem ser filiados. Estão neste caso os impròpriamente denominados Suaílis que são um grupo Maconde fortemente adulterado pela micedenação com outros povos indígenas e indianos e pela islamisação que sofreram (2).

Nesta conformidade preferimos considerar os Macondes como uma tribo independente, a fim dos Andondes e Suaílis, que englobam os Mavias (expressão hoje caída em desuso) e os Matambués.

3 — *Habitat e demografia da tribo Maconde*

Por não ser possível obter outros elementos vamos considerar neste parágrafo e no seguinte, como Macondes o grupo adoptado pelo «Código Etnológico».

O grande grupo Maconde representa uma minoria (2.41 %) étnica das populações nativas de Moçambique (Quadro 1), pois o

(1) e (2) Estes elementos foram-nos gentilmente facultados pelo Ex.^{mo} Sr. Administrador António de Sousa Lobato, profundo conhecedor da região e seus habitantes, a quem deixamos consignado o nosso profundo reconhecimento.

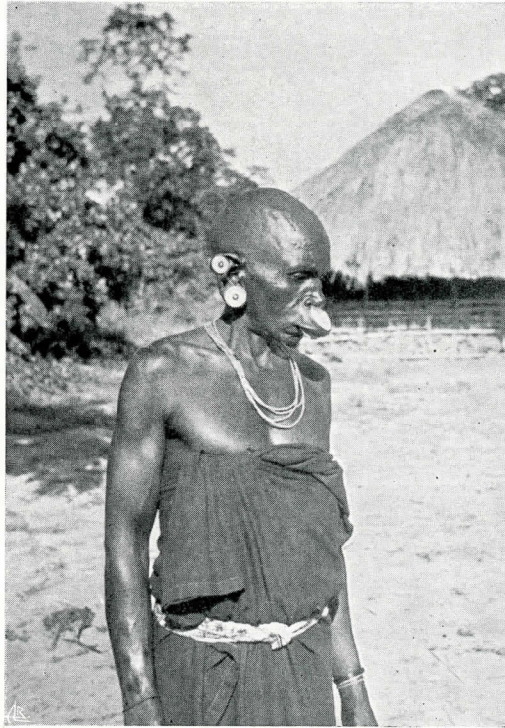


Fig. 3 — Mulher Andonde

QUADRO 1

Grupo	Sub-grupo	Total	%
Macuas	Macuas	1.775.564	31,4
	Macondes	136.225	2,4
	Lómués	517.429	9,2
	Borores	44.402	0,8
Nianjas	Nianjas	165.995	2,9
Ajauas	Ajauas	119.867	2,1
Angónis	Angónis	14.320	0,3
Chopes	Chopes	240.396	4,3
Sengas	Carangas	257.221	4,6
	Sengas	714.871	12,7
	Machonas	183.484	3,2
Batongas	Tongas	578.393	10,2
Rongas	Rongas	881.615	15,6
De fora da Província		17.175	0,3
Total . . .		5.646.957	100,0

seu quantitativo excede apenas o dos Ajauas, Borores e Angones (53).

Mostram-se, porém, profundamente arreigados ao seu território de origem, raríssimos (0.168 %), sendo os que se encontram fora do distrito de Cabo Delgado (Quadro 2) e confinando-se mesmo aí, a sua esmagadora maioria (99.844 %) às quatro Circunscrições

QUADRO 2

Distritos	Total	%
Lourenço Marques	3	0,011
Gaza	—	—
Inhambane	4	0,011
Beira	7	0,014
Tete.	20	0,023
Quelimane	56	0,050
Nampula	41	0,039
Cabo Delgado.	136.079	99,832
Lago	15	0,020
Total	136.225	100,000

administrativas (Quadro 3) — Palma, Mocimboa da Praia, Macondes e Macomia — que formam o extremo nordeste da Província de Moçambique.

QUADRO 3

Circunscrições	Total	%
Porto Amélia	175	0,128
Ibo	2	0,002
Macomia	14.390	10,574
Macondes	60.384	44,374
Mecufé	15	0,012
Mocimboa da Praia	37.687	27,694
Montepuez	19	0,013
Palma	23.406	17,202
Quissanga	1	0,001
Total.	136.079	100,000

A região por eles habitada atinge ao Norte o rio Rovuma, a Poente o rio Lugenda e Circunscrição de Marrupa (distrito do Lago), a Sul as Circunscrições de Montepuez e da Quissanga e a Nascente

QUADRO 4

Grupos	Circunscrições				Total
	Palma	M. Praia	Macondes	Macomia	
Macuas	10.635	12.034	8.991	20.979	52.639
Macondes	23.406	37.687	60.384	14.390	135.867
Lómués	—	—	—	300	300
Nianjas	65	—	—	—	65
Ajauas	2.528	781	2.981	1.301	7.591
Angónis	1.023	1.053	2.109	47	4.232
Machonas	2	—	—	—	2
Rongas	1	—	—	—	1
De fora	1.445	—	1.117	1	2.563
Total.	39.105	51.555	75.582	37.018	203.260

o Oceano Índico (Figura 4). As suas coordenadas geográficas são, portanto, aproximadamente, os paralelos 10° 46' e 12° 56' Sul e os meridianos de 38° 32' e 40° 30'. Este de Greenwich.

Segundo o último Censo populacional (1950) esta vasta região de cerca de 39.624 km², maior do que a que na Metrópole se espria ao sul do Tejo (37.316 km²), é habitada por povos de vários grupos (Quadro 4), o mais numeroso dos quais é o dos Macondes (66,8 %) e a que se seguem os Macuas (25,8 %), os Ajauas (3,7 %), os Angónis (2,0 %) e os de fora da Província (1,2 %).

Poucos mais elementos demográficos se conseguem obter. Além do respectivo grau de instrução, aliás de menor interesse, o referido Recenseamento apenas nos dá a sua distribuição geográfica (que já analisámos) e a sua repartição por sexos e estado civil (Quadro 5).

Trata-se duma tribo de escassa densidade populacional: 1,7 por km² considerando todo o distrito de Cabo Delgado ou 3,4 se tomarmos apenas em consideração as Circunscricções em que habita a sua esmagadora maioria.

Há um ligeiro predomínio das fêmeas sobre os varões (112 mu-

QUADRO 5

	Total	Varões	Fêmeas
População	136.079	62.115	71.964
Analfabetos	136.037	64.078	71.959
Lêem e escrevem português.	42	37	5
Falam português	577	415	162
Solteiros	59.249	32.075	27.174
Casados	69.578	30.540	39.038
Viúvos	3.999	656	3.343
Separados	3.253	844	2.409
<i>Casado segundo :</i>			
Costumes indígenas	65.324	28.604	36.720
Rito católico	1.027	511	518
Rito protestante	6	4	2
Registo Civil	157	75	82
Outros ritos	3.064	1.345	1.719

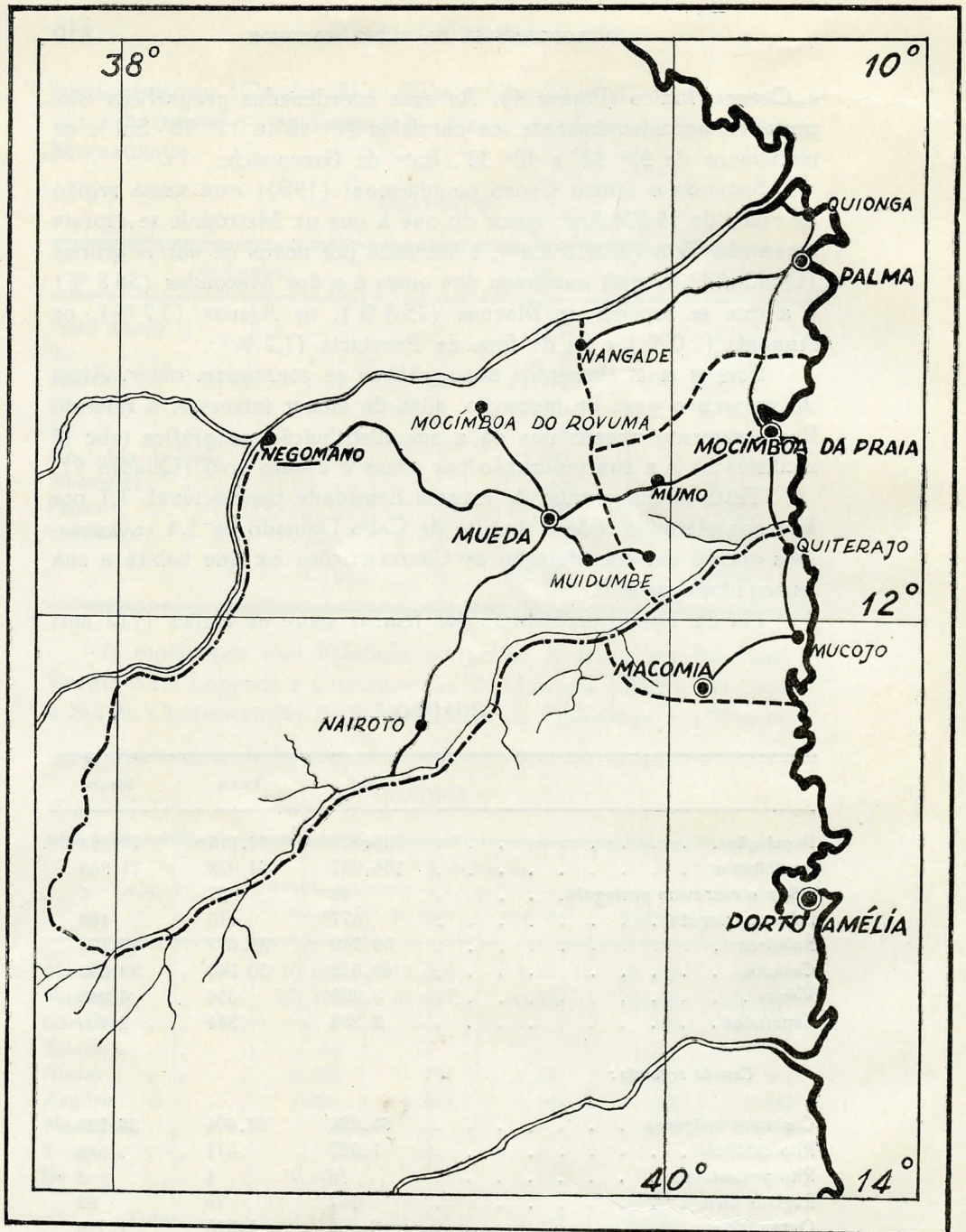


Fig. 4 — «Habitat» dos Macondes

lheres por 100 homens), como se verifica nas restantes populações de Moçambique.

A maioria dos indivíduos encontra-se casada (51,1 %) ou solteira (43,5 %), sendo escassos os viúvos (3,0 %) e os separados (2,4 %). Nos varões predominam os solteiros (50,0 %), seguindo-se-lhes os casados (47,7 %), enquanto que os viúvos (1,0 %) e os separados (1,3 %) são raros. Nas fêmeas diminui o número das solteiras (37,8 %) em benefício das casadas (54,2 %), das viúvas (4,6 %) e das separadas (3,4 %), o que está em relação com o regime polígamo que ainda praticam.

A esmagadora maioria dos casamentos existentes é ainda praticada segundo os «Usos e Costumes» indígenas (93,9 %), poucos sendo os casamentos católicos (1,5 %) e de Registo Civil (0,2 %), enquanto os realizados segundo outros ritos são um pouco mais frequentes (4,4 %). Os casamentos protestantes são praticamente inexistentes.

A poligamia nesta tribo é muito atenuada pois, segundo os elementos fornecidos, apenas há 1,28 mulheres por cada homem casado «cafrealmente».

4 — *Características Geográficas da Região*

A extensa área que é habitada pelos Macondes pode subdividir-se geográfica, climática e botânicamente em três grandes zonas: do litoral, uma interior intermédia e o planalto dos Macondes.

1) *Zona litoral* — Na parte oriental da região encontra-se uma zona marginal, que se estende até uma profundidade de cerca de 30 km, cujo solo é formado por terrenos terciários não diferenciados e por quaternários na sua parte norte, os quais se continuam, uns e outros, por cretáceos médio e inferior. São, portanto, terrenos aluvionares junto da foz do Rovuma e arenosos costeiros, pedalféricos, na restante zona (32).

A sua altitude média oscila entre os 0 e os 100 metros, estando a sua hidrografia representada, se exceptuarmos os rios Rovuma e Messalo, por pequenos cursos de água temporários (Quinhevo, etc.) que só se mantêm na época das chuvas.

O seu clima é do tipo «tropical de monções» (O. Boléo, 12), com uma temperatura média anual de 25°-26°, de escassos desvios mensais e pequena variação (10°); o mês mais quente é o de Dezembro e o mais fresco o de Julho. A época das chuvas é de Outubro a Abril, sendo a sua precipitação média anual de perto de 1.000 m/m³ que caem em menos de 100 dias. A sua humidade relativa é de 72-74 %.

O seu índice de aridez de Martonne é de 26-27, o que corresponde a zonas de «savana arborizada». O seu revestimento florestal, segundo Gomes e Sousa (64) é formado pelo mangal, mato das dunas e vegetação da praia, na orla marítima, e, mais para o interior, há «certa variedade de associações vegetais, aparecendo os diversos tipos de floresta xerófila, a estepe alternando com a floresta, as florestas em galeria e a floresta sub-higrófila» (12).

2) *Zona intermédia do interior* — Rodeando completamente o planalto dos Macondes e interpondo-se, a leste, entre ele e a zona litoral que acabamos de descrever, encontra-se uma região de transição, que denominámos zona intermédia do interior.

O solo é formado por terrenos cretáceos médio e inferior, com quaternários na parte noroeste e complexo granítico-gneissico a sudoeste (O. Boléo). Todos eles são pedalféricos, observando-se terrenos vermelhos e argilosos das baixas a noroeste e terrenos vermelhos e laranjas a sudoeste (32).

A sua altitude média eleva-se um pouco (100-200 metros) e a sua hidrografia é a mesma da região do litoral, com o rio Lugenda a poente, mas as suas colecções hídricas temporárias são mais raras e limitadas às suas partes mais baixas.

O seu clima, com temperatura ligeiramente inferior e precipitações um pouco mais elevadas, pertence ainda ao tipo «tropical de monções», mas tem já aspectos de transição para o mesotérmico de altitude.

Sendo idêntico ao da região costeira o seu índice de aridez, não admira que o seu revestimento fitogeográfico mantenha também forma semelhante na maior parte da sua área. Contudo, aparece já alguma modificação para o tipo planáltico-montanoso de floresta sub-higrófila «contínua e densa, com três ou quatro estratos, formando «ilhas» no meio da savana, ocupando as vertentes montanhosas expostas à chuva» (1).

3) *Planalto dos Macondes* — É costume designar-se por Planalto dos Macondes a região oriental da Circunscrição do mesmo nome, situada entre os meridianos de 39° 20' e 40c E. G., que parece «*elevantar-se, gradualmente, da costa para o interior e terminar a oeste por um contorno sensivelmente semi-circular, além do qual o terreno desce rapidamente em sucessivos contrafortes até ao Rovuma e às extensas planícies que se estendem entre o meridiano de 39° E. G. e o Lugenda*» (17).

O seu solo, de complexo granítico-gneissico (12), tem aspectos especiais que levaram G. Gouveia & A Azevedo a fazerem dele um dos tipos de terrenos pedalféricos. Formaram-se eles a partir do material originário proveniente do grés do cretácio e estão sujeitos a uma intensa lavagem devido à grande altura pluviométrica. São geralmente solos de cores claras (por vezes aparecem solos cor de chocolate claro e solos vermelhos), de textura ligeira (até franca, e um ou outro perfil argiloso-arenoso), friáveis a firmes, muito permeáveis (32).

A sua altitude média é de 800 metros e a sua hidrografia está praticamente reduzida a zero, pois não se encontram nele sequer as colecções de água temporárias.

O seu clima, com uma temperatura média mais baixa e maior amplitude de variação, de idênticas humidade relativa e pluviosidade, aproxima-se bastantes do tipo «mesotérmico de altitude» (12).

O seu índice de aridez é mais elevado ($J = 36$) e indica zona de floresta, sendo o seu facies fitogeográfico o planáltico-montanhoso do norte de «*feição estépica, alternando com vários tipos de floresta, como sejam: floresta xerófila, muitas vezes aberta; floresta galeria, etc.*» (O. Boléo). Deve dizer-se que, devido à sua grande escassez de água e aos erróneos métodos agrícolas indígenas, o planalto dos Macondes caminha a passos largos para a completa aridez, sendo já hoje raro ver-se nele qualquer árvore de grande porte, quando é certo que ainda em 1917 foi o emaranhado da sua vegetação que maior resistência opôs à sua penetração.

Para melhor elucidação das diferenças climáticas existentes entre estas diversas zonas, resumimos no Quadro 6 os seus principais elementos (52) recolhidos dos dados publicados de 1926 a 1954 e referentes a Mocimboa da Praia (15 anos) e a Palma (9 anos) na zona

litoral, a Macomia (15 anos) na zona intermédia do interior e a Mueda (16 anos) no planalto.

QUADRO 6

Elementos climáticos	Postos meteorológicos instalados em			
	M. Praia	Palma	Macomia	Mueda
Latitude Sul	11.19	10.46	12.15	11.40
Longitude Este	40.22	40.30	40.08	39.33
Altitude (m.)	27	60	343	847
Temperatura média	25.78	26.38	25.04	21.90
T. máxima média	30.12	30.78	31.13	26.82
T. mínima média	20.80	20.61	18.80	16.31
T. máxima absoluta	35.78	35.38	37.28	32.31
T. mínima absoluta	14.42	15.64	14.09	10.58
Humidade relativa média (0/0)	73.88	71.82	72.77	72.88
Pluviosidade total m/m	934.70	963.20	1122.07	1141.01
Chuva máxima por dia	79.15	76.91	79.04	88.88
Número de dias de chuva	93	77	76	88

CAPÍTULO II

O NOSSO INQUÉRITO

A pouca extensão da série em que nos baseamos (55 indivíduos) fez-nos hesitar durante bastante tempo antes que nos resolvessemos a dar-lhe publicidade, porque a sua exiguidade não nos permite obter conclusões seguras nem tem margem compensadora das deficiências resultantes das fracas condições de trabalho de que dispusemos e da inexperiência do observador.

Contudo, a imperiosa necessidade do estudo urgente desta tribo, o facto de apenas 12 das séries estudadas em Moçambique lhes serem superiores em volume de observações e ainda a valorização que lhes confere a concordância entre os nossos actuais valores e os que

anteriormente determináramos e ainda com os obtidos por outros investigadores acabaram por vencer a nossa relutância.

1 — *Características do grupo examinado*

Para a elaboração das presentes notas estudamos alguns caracteres merísticos de 55 indígenas da tribo Maconde, todos do planalto e do sexo masculino, à sua chegada a uma Empresa agrícola da região, onde vinham cumprir um contrato de trabalho.

Do planalto porque são eles os únicos que conservam intactos os seus caracteres dado o isolamento em que viveram, pois que, como o salienta Thomson, se o intracruzamento origina estabilidade e uniformidade, o cruzamento entre raças diferentes origina variabilidade (65). Do sexo masculino porque «*é sempre segundo os indivíduos masculinos adultos que se estabelece o diagnóstico racial diferencial*» (Montandon).

Um dos problemas mais espinhosos em inquéritos sobre povos africanos, é, sem dúvida, o estabelecimento rigoroso da sua filiação tribal. «*Pode parecer paradoxal que tal suceda, mas o negro sugestível, logicamente desconfiado e tradicionalmente simplificador, mente com a maior desfaçatez desde que julgue que pela mentira a vida é facilitada*» (Santos Davida, 24). No nosso caso, porém, tal óbice não existe ou está imensamente reduzido mercê da presença das suas características mutilações étnicas. A nossa prática, o interrogatório a que submetemos todos os examinados sobre a tribo e clã dos seus progenitores e, principalmente, a presença daquelas deformações levam-nos a admitir que as possibilidades de erro, se existiram, foram reduzidas ao mínimo.

Dada a incapacidade em que a grande maioria da população não civilizada se encontra em declarar a sua idade, porque eles próprios não a conhecem exactamente, temos que nos servir da sua idade «aparente», que determinamos por grupos quinquenais, o que diminui as probabilidades de erro. Nos nossos examinados elas variaram de 20 a 50 anos (Quadro 7) com uma média de 31 anos (rigorosamente 30,69), sendo portanto a série mais idosa que estudamos (em 1954 a média foi de 30 e em 1955 de 29 anos).

Como sobejamente é conhecido, os valores dos caracteres antropológicos são profundamente influenciados, talvez mesmo mais que

pela extensão da série, pela selecção prévia a que o contingente examinado foi sujeito.

Ora muitas das séries moçambicanas basearam-se ou em indígenas que foram presentes a Exposições ou em soldados. Como para estes casos são exclusivamente preferidos os individuos mais perfeitos e robustos os resultados obtidos afastam-se consequentemente da verdadeira média representativa da população.

Por nosso lado, medindo trabalhadores indígenas, fizemos também um certo grau de selecção, mas cremos que essa «*escolha parcial não as influencia para mal, antes pelo contrário as melhora.*»

QUADRO 7

Idade	Casos	%
20 anos	7	12,7
25 »	12	21,8
30 »	19	34,5
35 »	9	16,3
40 »	5	9,1
45 »	2	3,7
50 »	1	1,9
Total. . .	55	100,0

Sòmente os muito jovens, os velhos e os doentes, seleccionados em rigorosas inspecções médicas, não são aceites. A exclusão dos jovens e dos velhos das séries antropológicas é aconselhada por todos os investigadores, por razões óbvias de evolução incompleta ou alterada. A dos doentes é lógica, pois, representando estados patológicos, transitórios ou permanentes, falseariam os resultados se entrassem no cômputo total. Por consequência as nossas séries, em que a exclusão de jovens, velhos e doentes foi criteriosamente executada, não nos parecem seleccionadas mas sim adequadas» (24).

2 — Medições efectuadas

A observação antropológica de qualquer agrupamento humano inclui, além da apreciação dos seus caracteres descritivos (cor da pele, natureza do cabelo, cor dos olhos, forma do nariz, espessura dos lábios, etc.), a mensuração de algumas características somáticas.

Fundado por Broca (1879) e continuado por investigadores como Topinard, Deniker, Martin, Hrdlicka, Frizzi, Lefrou e tantos outros, este método de estudo fez nascer inúmeras esperanças porque «se pensava que seria possível encontrar uma maior ou menor quantidade de elementos mensuráveis que permitissem estabelecer com precisão a diagnose das diversas raças humanas» (36).

E deu-se então uma verdadeira «corrida» de caracteres merísticos. Dada a extrema variabilidade dos caracteres físicos do Homem perfilhou-se a opinião de quantos mais elementos se compilhassem, melhor e mais completo seria o estudo do agrupamento populacional e mediram-se, então exaustiva e fastidiosamente todos os segmentos do organismo humano. Topinard (66) preconiza a recolha de 23 caracteres, Deniker (25) estuda 17 mensurações. R. Martin dá 48 medidas para a cabeça, 71 para o corpo, 81 para o crânio, 422 para o esqueleto e 120 para o indivíduo vivo (36). Frizzi (29) utiliza 40 características que reparte em 25 somatométricas e 15 cefalométricas.

Modernamente, porém, admitem-se apenas como características raciais as que são consequência directa da hereditariedade (Beals & Hoijer, 11), o que restringe extraordinariamente o número de caracteres a aproveitar, pois que se reconheceu ser a maioria dos habitualmente empregados, função de influências meramente ambientais ou culturais. Mas o estudo dos genótipos ainda só é possível para alguns, poucos, caracteres como os grupos sanguíneos e, porque nenhuma raça pode ser definida como base numa única característica (11), há ainda que eleger um certo número de mensurações que permitam a diferenciação correcta dos vários agrupamentos humanos.

Contudo, não foi possível chegar-se ainda a um acordo sobre os caracteres merísticos a admitir, e isto a despeito de várias tentativas internacionais: Mónaco (1910), Genebra (1912), Copenhague (1938). Os diversos autores continuam, por isso, a servir-se de diferentes elementos de trabalho. Entre nós, como no estrangeiro, verifica-se até que o mesmo investigador utiliza umas vezes determinados caracteres para seguir noutros casos outros critérios. Santos Júnior mediu 48 características nas tribos de Tete (56), A. Sarmiento utilizou 4 nos Quimbundos do Bié (60) e 6 nos Gandas (61), Bai-

lundos (62) e Huambos (63); Figueira Henriques estudou 9 nos Cacondas (34) e Santos David 12 nos povos da Lunda (24).

«Longe de trazer clareza, a multiplicidade de medidas só ocasiona a confusão, aumentada ainda pelo facto dos antropologistas adoptarem muitas vezes pontos de referência diferentes para as suas medidas... De facto, teve que constatar-se que um grande número de medidas não forneciam nenhum elemento diferencial que não tivesse já sido dado pelo simples aspecto morfológico, e que elas não permitiam uma melhor identificação do que a feita pelo exame directo por um observador exercitado» (Lefrou, 36).

Por todas estas razões, propõe este último autor reduzir a observação do indivíduo vivo de raça negra a 10 medidas fundamentais:

- 1 — Estatura
- 2 — Altura do busto
- 3 — Grande envergadura
- 4 — Comprimento do membro superior
- 5 — Comprimento máximo da cabeça
- 6 — Largura máxima da cabeça
- 7 — Diâmetro bizigomático
- 8 — Diâmetro naso-mentoniano
- 9 — Largura do nariz
- 10 — Altura do nariz.

Por nosso lado determinámos individualmente 36 caracteres merísticos, com o auxílio dos quais obtivemos ainda 22 índices antropológicos. Seria, porém, fastidioso e de diminuto interesse, dasdas as considerações que temos vindo a tecer sobre o seu valor relativo, pretender apresentar a sua totalidade. Entendemos, assim, reservar para um anexo (Anexo A) a sua enumeração e salientar no texto apenas as de maior interesse.

Mas que critério seguir? É fora de dúvida que a simples inspecção do indivíduo nos fornece instintiva e subjectivamente algumas impressões somáticas do indivíduo, que automaticamente comparamos com os padrões a que estamos habituados. E tanto assim é que olhando qualquer sujeito logo sentimos que ele é alto ou baixo, gordo ou magro, de membros curtos ou compridos, de cabeça mais comprida ou mais larga, de face mais alta ou mais baixa, nariz mais

largo e achatado ou mais estreito e elevado, do mesmo modo e ao mesmo tempo que dizemos se é loiro ou moreno, negro ou amarelo, se tem olhos azuis ou castanhos, lábios finos ou espessos, cabelo liso ou crespo, etc., etc.

Por este facto, preferimos servir-nos daquelas mensurações que traduzem numèricamente estas impressões somáticas subjectivas, e escolhemos os seguintes caracteres merísticos:

- 1 — Estatura
- 2 — Altura do busto
- 3 — Peso
- 4 — Grande envergadura
- 5 — Comprimento do membro superior
- 6 — Comprimento do membro inferior
- 7 — Comprimento máximo da cabeça
- 8 — Largura máxima da cabeça
- 9 — Largura bizigomática
- 10 — Altura máxima da face
- 11 — Altura do nariz.
- 12 — Largura do nariz
- 13 — Saliência do nariz

com os quais determinamos depois, também, individualmente, 8 índices antropológicos.

Apenas acrescentamos à lista de Lefrou o *peso*, que aliás ele próprio reconhece como de interesse em determinar; o *comprimento dos membros inferiores*, que ele determina por diferença entre a estatura e a altura do busto e a *saliência do nariz*.

3 — Colheita do material

Para a determinação dos caracteres merísticos dos nossos examinados utilizamos uma fita métrica inextensível, uma balança decímal, um pelvímetro que servia de compasso de espessura e de um improvisado compasso de corrediça (uma régua e dois esquadros).

A precaridade deste último instrumento foi bem evidenciada pelos valores que obtivemos, bem diferentes dos obtidos por outros

investigadores. Felizmente apenas o utilizamos na determinação dos caracteres nasais.

«Como em antropologia ainda não se conseguiu assentar na unificação dos métodos de observação e registo dos caracteres, quer merísticos quer descritivos, é importante indicar qual a técnica seguida na colheita dos materiais. Só quando conhecida a técnica utilizada é possível comparar com segurança os resultados de diferentes autores» (56). Por isso vamos apresentar as instruções a que obedecemos e que foram, dum modo geral, as indicadas pelo Professor Santos Júnior.

1 — *Estatuta* — Com o indivíduo descalço e em posição de sentido, com a cabeça fixada no plano aurículo-orbicular de Francfort e encostado a uma parede a que se apoiava pelos calcanhares, nádegas e espáduas (Chippaux, 15) medimos a distância que ia duma superfície rígida, mantida horizontalmente sobre o vértice, ao solo.

2 — *Altura do busto* — Com o indivíduo sentado num banco de altura conhecida (50 cm), convenientemente apoiado nos isquions, de coxas horizontais e pernas verticais, conservando-se a cabeça no mesmo plano e unido à superfície vertical pelas regiões sagrada e interescapular, determinamos a distância do vértice ao plano isquiático.

3 — *Peso* — Os indivíduos foram pesados nus e sempre em períodos distanciados das refeições, já que os nossos afazeres profissionais não nos deixaram efectuar a pesagem em jejum.

4 — *Grande envergadura* — Com o indivíduo de braços em extensão horizontal máxima medimos a distância entre ambos os dactílios (bordos inferiores dos dedos médios).

5 — *Comprimento do membro superior* — Com o indivíduo na mesma posição que para a estatura medimos a distância que separa o acrómio do dactílio.

6 — *Comprimento do membro inferior* — Medimos em idênticas condições a distância que vai da espinha iliaca antero-superior ao solo.

Santos Júnior prefere acrescentar 35 m/m à altura do sínfisis (bordo superior do púbis) para determinar este carácter, enquanto outros autores (Lefrou, A. Sarmento) o obtêm por subtracção da altura do busto à estatura.

7 — *Comprimento máximo da cabeça* — Com o examinado sen-

tado num banco e em repouso muscular, medimos a distância que vai da glabella (saliência situada por cima da raiz do nariz e se continua pela frente) ao opistocrânio (ponto mais saliente do occipital).

8 — *Largura máxima da cabeça* — O diâmetro transversal máximo da calote craniana é medido na horizontal. «Os pontos extremos desse diâmetro não têm localização certa, ficando normalmente acima e um pouco atrás das orelhas» (56).

9 — *Largura bizigomática* — Este carácter mede-se entre os pontos mais salientes do zigoma.

10 — *Altura máxima da face* — A altura facial morfológica ou fisionómica mede-se do nácio (articulação dos ossos próprios do nariz com o frontal) ao gnátio (ponto mais baixo do ângulo médio do maxilar inferior).

11 — *Altura do nariz* — Distância que vai do nácio ao ponto sub-nasal (vértice do ângulo formado pelo septo nasal e lábio superior). Também é conhecido por comprimento do nariz.

12 — *Largura do nariz* — Distância que separa as convexidades das asas do nariz.

13 — *Saliência do nariz* — Assim chama Santos Júnior à distância que vai do ponto sub-nasal à parte anterior da ponta do nariz. Outros designam-na por altura do nariz.

Dum modo geral não deparamos com dificuldades na determinação dos caracteres merísticos a não ser a permanência do examinado na postura desejada, o que requereu muita atenção do observador e contínuos reajustamentos de posição. A identificação dos pontos de referência não encontrou obstáculos de maior a não ser os sobejamente conhecidos para o nácio e sub-nasal. Houve às vezes dificuldades na obtenção da largura do nariz pelos movimentos relativamente amplos a que as asas nasais estão sujeitas nas raças negras.

4 — *Tratamento dos resultados obtidos*

Depois de obtidos individualmente os caracteres merísticos e os índices antropológicos dos nossos examinados, determinamos as suas médias aritméticas e fizemos os respectivos cálculos estatísticos.

Para isso seríamos-los todos por variantes graduadas com intervalo de classe de 1 cm. para as características, à excepção do peso (1 kgr), da altura, da largura e da saliência do nariz (1 m/m), e

de 2 unidades para os índices cefálico, facial de Garson, nasal e da saliência do nariz, a 1 unidade para os índices crucial e intermembral, a 0,50 para o esquelico e a 0,07 o de Rohrer. Em seguida usamos as fórmulas geralmente utilizadas em trabalhos desta natureza, que são as seguintes:

$$M = M_o + i \frac{\Sigma f\alpha}{\eta}$$

$$M_e = M_o \pm i \frac{b + c - a}{2b}$$

$$\sigma = i \sqrt{\frac{\Sigma f\alpha^2}{\eta} - \left(\frac{\Sigma f\alpha}{\eta}\right)^2}$$

$$C_v = \frac{100 \cdot \sigma}{M}$$

$$E_m = \pm \frac{0.6745 \cdot \sigma}{\sqrt{\eta}}$$

$$E_\sigma = \pm \frac{0.6745 \cdot \sigma}{\sqrt{2n}}$$

$$E_{cv} = \pm \frac{C_v}{\sqrt{2n}}$$

em que:

M = Média

M_o = Média provável

i = intervalo de classe

Σ = somatório

f = frequência

d = desvio

M_e = mediana

a = somatório das frequências de desvio negativo

b = somatório das frequências de desvio nulo

c = somatório das frequências de desvio positivo

σ = desvio-padrão

C_v = Coeficiente de variação

n = número de casos

E_m = erro provável da média

E_σ = erro provável do desvio-padrão

E_{cv} = erro provável do coeficiente de variação.

5 — *Apreciação das nossas séries*

As escassas observações em que baseamos esta primeira contribuição para o estudo da antropometria da tribo Maconde não permitem que se obtenham conclusões seguras, já o dissemos e repetimo-lo. E isso porque «*observações feitas em apenas alguns indivíduos podem não só representar inadequadamente a ordem de variação característica da população a que pertencem, mas falham também na indicação do grau de variabilidade individual*» (Beals & Hoijer, 11).

Não quer isto dizer, porém, que as presentes séries sejam totalmente desprovidas de valor. A sua análise estatística prova-nos, pelo contrário, a sua homogeneidade e real valia.

Nas nossas actuais séries a variação vai de 45 cm da estatura a 0,61 unidades no índice de Rohrer, mas apenas 6 (28,5 %) excedem a vintena de unidades. A variabilidade é pequena em 2 (9,5 %) casos, relativa em 7 (33,4 %), alta em 2 (9,5 %) e muito grande em 4 (19,1 %). O maior coeficiente de variação é o da saliência do nariz (17,1) e o menor o do índice esquelico (0,29).

Os polígonos empíricos são significativos. Considerando as 7 classes centrais (em 4 séries há apenas 5 e 4 classes) verifica-se que elas englobam a maioria dos casos: mais de 90 % em 6 séries (28,5 %), mais de 80 % em 4 (19,0 %) casos, mais de 70 % em 3 (14,5 %), mais de 60 % em 2 (9,5 %), mais de 50 % em 4 (19,1 %). Só duas séries têm apenas no bloco central 40 % (estatura, 4,7 %) e 38,1 % (grande envergadura, 4,7 %). A sua esmagadora maioria (85,8 %) tem apenas um máximo, só a altura do busto e a saliência do nariz apresentam 2 e a braça é que tem 5.

A média coincide com a mediana 14 vezes (66,7 %) sendo-lhe superior em 2 casos e inferior em 5 séries. O módulo excede a média em 6 séries e é-lhe inferior 2 vezes, nas restantes 13 vezes são coincidentes. O módulo e a mediana coincidem 15 vezes, sendo o primeiro superior em 2 casos e a mediana em 4.

A coincidência da média estatística com a aritmética (Quadro 8), de que só o índice facial de Garson se afasta um pouco, é também comprovativa da valia dos nossos resultados.

O desvio-padrão oscila entre 0,120 (índice de Rohrer) e 8.738

(índice facial de Garson), mas na maioria delas (13 — 61,9 %) não atinge as 4 unidades.

Os erros prováveis da média nunca atingem a unidade e variam de 0,010 (Índice de Rohrer) a 0,794 (Índice facial de Garson). Os do desvio-padrão oscilam de 0,007 (Índice de Rohrer) a 0,561 (Índice de Garson). Os erros do coeficiente de variação excedem

QUADRO 8

Caracteres	M. estatística	M. aritmética
Estatura	165,055	165,055
Altura do busto	82,510	82,509
Índice esquelico	50,059	50,016
Peso.	51,600	51,600
Índice de Röhrer	1,146	1,145
Grande envergadura	175,236	175,472
Índice crucial	106,036	106,036
Comprimento do membro superior	76,581	76,581
» » inferior	96,090	96,091
Índice intermembral	79,686	79,744
Comprimento da cabeça	19,218	19,218
Largura da cabeça	14,109	14,109
Índice cefálico	73,468	73,511
Largura bizigomática	13,290	13,291
Altura facial morfológica	11,472	11,602
Índice facial de Garson	87,294	88,064
Altura nasal	44,673	44,672
Largura nasal	50,419	50,418
Índice nasal.	112,950	112,472
Saliência do nariz.	15,090	15,090
Índice da saliência do nariz	29,950	29,500

a unidade em 3 (14,2 %) séries e vão de 0,027 (Índice esquelico) a 1,630 (saliência do nariz).

Outros argumentos favoráveis às presentes séries encontram-se ainda na coincidência com os valores que têm sido obtidos para a mesma tribo.

Dos valores que anteriormente tínhamos determinado em 815 (48) e 386 (49) indígenas deste povo (Quadro 9) apenas a estatura, a

altura do busto e o índice de Bornhart apresentam certa diferença. Estas são absolutamente explicáveis pelas diferentes extensões das séries em que se baseiam — a primeira é 15 vezes maior, e a segunda 7, que a actual — mas fica-se com a impressão de que, em conjunto, o presente lote tem maior desenvolvimento somático (estatura, altura do busto, perímetro torácico médio) o qual não foi

QUADRO 9

Caracteres merísticos	1954 (815)	1955 (386)	1956 (55)
Estatura	161,748	162,000	165,055
Altura do busto	80,709	81,490	82,510
Índice esquelico	49,953	50,324	50,059
P. torácico médio	80,240	80,349	81,636
Peso	51,226	51,085	51,600
Índice de Bornhart	53,235	54,085	56,327
» » Bouchard	3,163	3,143	3,120
» » Röhrer	1,204	1,195	1,146
» » Livi	22,946	22,889	22,527
» » Pignet-Mayet	30,024	30,855	31,530
» » Lefrou	50,269	50,203	50,746
» » Vervaeck	81,329	81,013	80,664
» » Aranzadi	49,389	49,598	49,559

acompanhado pelo correspondente aumento do peso. Daí as diferenças encontradas nos vários índices de robustez.

Não deixa, contudo, de ter importância a diferente idade média dos indivíduos examinados. Como dissemos então, «o estudo da evolução dos caracteres merísticos com a idade dos examinados mostrou-nos a obtenção de valores óptimos aos 35 anos» (48), fazendo supor que a paragem do desenvolvimento neste povo só terá lugar mais tarde do que geralmente é admitido (1). De facto os nossos

(1) Chegou agora ao nosso conhecimento uma curiosa informação etnográfica confirmativa desta nossa afirmação, a qual devemos à gentileza do Ex.^{mo} Sr. Chefe de Posto, José Ferreira da Guia, que durante bastante tempo viveu em Nangade. Segundo ele, só depois dos 30 anos os Macondes são considerados adul-

actuais resultados aproximam-se mais dos que obtiveramos anteriormente para 126 indivíduos em 1954 (48) e 82 (49) em 1955 que tinham 35 anos (Quadro 10).

Há aqui acentuada divergência entre os valores agora obtidos para a estatura e os que encontráramos em inquéritos anteriores. Não encontramos explicação cabal para o facto — a não ser as diferentes extensões das séries — mas devemos salientar que os valores anteriores estão mais de harmonia com a impressão subjectiva que este povo nos deixou: população de fraca estatura, bastante inferior à das

QUADRO 10

Caracteres merísticos	1954 (126)	1955 (82)	1956 (55)
Estatura	163,857	164,280	165,055
Altura do busto	82,340	82,987	82,510
P. torácico médio	80,873	82,243	81,827
Peso	52,571	50,696	51,600

populações suas vizinhas. Já Andrade Corvo dizia que os Mavias, que identificamos com os actuais Macondes, «são notáveis pela figura bem feita e pequenez que têm» (19).

Outro argumento a favor da validade dos nossos resultados é a concordância que se observa entre as suas médias aritméticas (Quadro 11) e as que foram determinadas em 200 indivíduos desta raça pela Missão Antropológica de Moçambique, que o Professor Santos Júnior dirige, a quem agradecemos penhoradamente a possibilidade da sua consulta e utilização.

As únicas diferenças de vulto são as do peso e as dos caracteres nasais. Para a primeira não encontramos explicação satisfatória; as segundas devem atribuir-se às deficiências do improvisado instrumento de que fomos forçados a servir-nos.

dentro da tribo, idade em que podem escolher livremente mulher e constituir povoação própria. Até essa altura vivem a expensas do tio materno que é quem lhes paga o imposto de palhota, lhes dá as filhas em casamento, etc. Até então são tratados por «Tôto» = criança.

Por todas estas razões reputamos os nossos resultados, se não conclusivos, que o não podem ser, bastante válidos para poderem constituir a primeira contribuição para o estudo antropológico dos Macondes.

QUADRO 11

Caracteres merísticos	S. Júnior (200)	S. Reis (55)
Estatura (cm)	166,45	165,055
Altura do busto (cm)	83,32	82,509
Índice esquelico (*)	50,057	50,016
Peso (kg)	55,1	51,600
Índice de Röhrer (*)	1,203	1,145
Grande envergadura (cm)	176,07	175,472
Índice crucial (*)	105,779	106,036
Comprimento do membro superior (cm).	77,10	76,581
Comprimento do membro inferior (**).	83,13	82,546
Índice intermembral (**).	92,746	92,773
Comprimento da cabeça (cm)	19,37	19,218
Largura da cabeça (cm)	14,42	14,109
Índice cefálico (*)	74,445	73,511
Altura máxima da face (cm)	11,03	11,602
Largura bizigomática (cm)	13,87	13,291
Índice facial de Garson (*)	79,524	88,064
Altura do nariz (mm)	40,4	44,672
Largura do nariz (mm)	43,6	50,418
Índice nasal (*).	107,930	112,472
Saliência do nariz (mm)	17,7	15,090
Índice da saliência do nariz (*)	40,596	29,500

(*) Determinados com as médias dos caracteres merísticos, para a série de Santos Júnior.

(**) Por diferença da estatura e da altura do busto.

6 — Outros inquéritos em Moçambique

O estudo da antropometria moçambicana, no vivo, parece ter sido iniciado em 1854, ano em que Dumotier determinou o índice cefálico de três indígenas desta Província e continuou-se em 1902, com trabalho idêntico de Fulleborn (39).

Depois destas notas, de muito escasso valor, outros trabalhos se têm seguido, mas os dados existentes não permitem ainda uma razoável apreciação global do panorama antropológico das nossas populações nativas. Assim só conseguimos apurar a existência das seguintes séries referentes a indígenas de Moçambique, do sexo masculino:

- 1906 — A. Neuparth estudou 150 nativos da região do Bárue (44).
1918 — A. Pires de Lima mediu 18 Indígenas do litoral do Niassa, 13 Ajauas, 25 Macuas do Niassa (Mêdo), 22 Macuas de Moçambique, 34 Manicos, 12 Macuas de Quelimane, 11 Quelimanes, 16 Nhungués, 5 Inhambanes e 14 Landins (?) (38).
1930 — Manso Perestrelo apresenta algumas médias de 100 Macondes (47).
1934 — Aproveitando os nativos que foram presentes à Exposição Colonial do Porto, estudaram-se 60 Chopes, 56 Landins (?), 6 Tongas e 4 Senas, tendo Maia Mendes determinado a sua estatura e os índices cefálico e torácico (42); A. Roseira o seu índice bário (54); Leite da Costa o seu índice de Pignet (20); Martins d'Alte o seu índice esquelético (7) e Magalhães Mateus os seus cânones antropométricos (41).
1936 — J. Rodrigues dos Santos Júnior observou 120 Nhungués, 28 Antumbas, 21 Chicundas, 20 Sengas, 31 Séreros, 20 Atandes, 20 Tauaras e 10 Dêmas (1.^a e 2.^a (1937) Campanhas da Missão Antropológica de Moçambique) (56).
1937 — Lidio Cipriani estudou 34 Macaias (16).
1940 — O Instituto de Antropologia do Porto mediu 52 indígenas moçambicanos (6 Macondes, 3 Macuas, 3 Machanganas, 38 Chopes, etc.) que estiveram na Exposição do Mundo Português (18).
1946 — Simões Alberto mediu 55 Lómués e 40 Achirimas (3).
1951 — Dionísio Barreto apresenta os resultados que obteve em 537 indígenas do Sul do Save (8).
1952 — Simões Alberto & Dionísio Barreto observaram 341 Rongas, 107 Chopes, 327 Tongas e 50 Chuábos (6).
1954 — Simões Alberto estudou 218 Tonga-Changanas (4), estudo que ampliou mais tarde quanto aos caracteres merísticos (5).

- 1954 — Dionísio Barreto mediu os índices cefálicos e nasais de 67 Chopes, 24 Rongas e 116 Machanganas (9).
- 1954 — Santos Reis observou alguns caracteres merísticos e vários índices de robustez em 815 Macondes (48).
- 1955 — Santos Reis apresentou as variações de robustez experimentadas por um lote de 386 trabalhadores Macondes (49).

Além destes estudos, a Missão Antropológica de Moçambique observou em 1945 (3.^a Campanha) os indígenas da região de Manica e Sofala e em 1946 (4.^a Campanha) e 1948 (5.^a Campanha) os do norte da Província, tendo sido «*medidos mais de 8.000 indivíduos*», mas nada ainda foi publicado, muito embora haja, «*em arquivo, 8.030 fichas antropológicas de outros tantos indígenas, sendo homens 4.618 e mulheres 3.412. Estão já determinados cerca de 80.000 índices, dum boa parte dos quais estão feitas as seriações e calculadas as médias, os desvios-padrões e seus erros prováveis*» (59). Muito recentemente (1955-1956), a mesma Missão (6.^a Campanha) fez o estudo dos indígenas do Sul do Save.

Outros autores apresentam, também, médias de alguns caracteres merísticos, sobretudo respeitantes à estatura, mas não indicam sequer o número de casos em que se basearam. Entre eles podemos citar Ferreira Cabral que refere as estaturas médias dos Rongas, Tongas, Chopes, Sengas, Angones, Ajauas e Macuas (13).

Todas estas séries são muito variáveis não só na extensão mas também no número de caracteres determinados, não permitindo por isso uma eficaz comparação dos povos estudados. Contudo, como eles são os únicos de que se dispõe há que utilizá-los.

CAPÍTULO III

ANTROPOMETRIA DA TRIBO MACONDE

Exposemos já as razões que nos levaram a utilizar, aqui, apenas alguns dos caracteres merísticos, em detrimento de outros que também medimos, mas que só apresentamos no final. Ocioso seria o

repeti-las. Outros, como o comprimento do dedo médio da mão, a altura da cabeça e a do acrómio, etc., ficaram por determinar, mas os elementos que possuímos parecem-nos suficientes para podermos ajuizar do tipo físico médio da tribo Maconde.

1 — Estatura

A altura do indivíduos é, provávelmente, muito afectada pelas condições ambientais principalmente pela espécie e quantidade de alimentos consumidos. A malnutrição crónica provoca uma perda considerável (2,5 a 4 %) desta característica, quando actua durante um longo periodo. Aparentemente, contudo, há um mínimo irreductível, abaixo do qual a estatura média não desce, parecendo haver também limites superiores semelhantes. É verosímil, portanto, que tais limites sejam determinados genéticamente (Beals & Hoijer, 11).

Nos indivíduos que examinamos, os seus valores variaram de 149 a 184 cm, mas estas duas cifras são verdadeiramente aberrantes, pois os limites normais da série seriam 155 a 178 cm, respectivamente. Conservámo-los, porém, por não haver evidências de se tratar de casos anormais e ainda porque a sua exclusão não alteraria sensivelmente a média obtida (164.692 cm). Seriadados a 1 cm os nossos casos apresentaram a seguinte distribuição:

Estatura	Casos	Estatura	Casos	Estatura	Casos
149	1	161	2	173	1
150	—	162	3	174	1
151	—	163	6	175	1
152	—	164	3	176	—
153	—	165	3	177	1
154	—	166	2	178	2
155	2	167	1	179	—
156	2	168	5	180	—
157	3	169	3	181	1
158	2	170	2	182	—
159	2	171	1	183	—
160	3	172	1	184	1

Com base nesta seriação obtiveram-se os seguintes valores:

Média	165,055 \pm 0,639
Desvio-padrão	7,030 \pm 0,452
Coefficiente de variação	4,2 \pm 0,400
Mínimo	149
Máximo	184
Mediana	164,250
Módulo	163 (6)

A estatura dos Macondes corresponde assim à média geral da Humanidade, segundo Topinard (66), mas recordamos mais uma vez as discrepâncias encontradas entre esta nossa série e as que anteriormente tínhamos obtido.

A repartição dos nossos casos na classificação de Deniker (Quadro 12) mostra-nos, à semelhança do que aconteceu nas séries ante-

QUADRO 12

Estaturas	Casos	%
Baixas (até 159,9)	12	21,81
Abaixo da média (de 160,0 a 164,9)	17	30,90
Acima da média (de 165,0 a 169,9)	14	25,45
Altas (mais de 170,0)	12	21,81
Total.	55	100,00

riores, o predomínio das estaturas abaixo da média (30,90 %), que, juntamente com as estaturas baixas, englobam a maioria (52,71 %) dos nossos examinados. Nota-se, porém, uma maior frequência das estaturas mais elevadas.

Para confronto damos seguidamente os valores que têm sido indicados para a estatura nas séries estudadas em Moçambique (Quadro 13). Enquanto que nas anteriores determinações ocupam o pólo inferior da escala, os Macondes agora estudados aproximam-se dos Macuas de Moçambique (165,7), Quelimanes (165,7), Serêros (165,7), Chicundas (165,4), Tauáras (165,4), Sengas (165,2) e Manicas (165,0).

2 — *Altura do busto*

Este carácter, eliminando o comprimento dos membros inferiores, pelo menos em parte, valoriza o busto antropológico — porção supra-isquiática do organismo. «O valor das variações do tronco são duvidosas. Em muitas populações modernas a amplitude das variações individuais na altura do tronco é muito grande — apenas algumas populações relativamente isoladas apresentam um tipo verdadeiramente uniforme. Além disso, as proporções do tronco, como a estatura e o peso, devem ser seriamente afectadas pela ingestão de alimentos e pelo exercício físico. Com toda a probabilidade, os factores ambientais e culturais tendem quase sempre a atenuar grande parte, se não tudo, das variações provocadas só pela hereditariedade» (11).

Conservámo-lo, a despeito destas restrições, por nos permitir separar populações com a mesma estatura aparente e por ter importância antropológica, tanto que serve de base a um sistema de cálculo da ração alimentar — o «Nahrung-Einhert-Mittel» — muito empregado na Alemanha, em que cada indivíduo deve ter uma ração em função da sua altura do busto (Lefrou).

Os nossos casos, seriados a 1 cm, apresentaram as seguintes frequências:

QUADRO 13

Povos	Casos	Médias	Autores
Senas	4	171,80	I. A. P.
Chopes	60	171,5	I. A. P.
Landins (?)	70	170,8	Pires de Lima e I. A. P.
Tongas-Changanas	128	169,70	Simões Alberto
Tongas	327	168,78	S. Alberto — D. Barreto
Landins (?)	14	168,6	Pires de Lima
Rongas	341	168,51	S. Alberto — D. Barreto
Nhungués	120	167,90	Santos Júnior
»	16	167,40	Pires de Lima
Chopes	107	166,89	S. Alberto — D. Barreto
Demas	10	166,40	Santos Júnior
Inhambanes (?)	5	166,10	Pires de Lima
Achirimas	40	166,0	Simões Alberto
Rongas	?	166	P. Cabral
Chopes	?	166	» »
Angonis	?	166	» »
Ajuuas	?	166	» »
Macuas Moçambique	22	165,7	Pires de Lima
Quelimanes (?)	11	165,7	» » »
Sereros	31	165,7	Santos Júnior
Chicundas	21	165,4	» »
Tauaras	20	165,4	» »
Sengas	20	162,2	» »
Macondes	55	165,055	Santos Reis
Manicas	34	165,0	Pires de Lima
Sengas	?	165	P. Cabral
Antumbas	28	164,90	Santos Júnior
Ajuuas	13	164,40	Pires de Lima
Chuabos	50	164,32	S. Alberto — D. Barreto
Macuas de Niassa	25	164,1	Pires de Lima
Tongas	?	164	P. Cabral
Macaías	34	163,60	L. Cipriani
Lomues	55	163,527	Simões Alberto
Barués	150	163,40	A. Neuparth
I. do Litoral Norte	18	163,30	Pires de Lima
Macuas Quelimane	12	162,8	» » »
Atandes	20	162,60	Santos Júnior
Macuas	?	162	P. Cabral
Macondes	386	162,000	Santos Reis
»	815	161,742	» »
»	100	161,2	M. Perestrelo

V	Casos	V	Casos	V	Casos
76	2	81	7	86	1
77	2	82	3	87	3
78	3	83	7	88	—
79	2	84	9	89	2
80	5	85	9	—	—

Nesta seriação determinámos os valores:

Média	82,510 ± 0,412
Desvio-padrão.	3,056 ± 0,291
Coefficiente de variação	3,7 ± 0,352
Mínimo	76
Máximo	89
Mediana	83,612
Módulo	84 e 85 (9)

Os Macondes têm pois um busto bastante curto, só superior ao dos Chicundas, e Atandes, ocupando as nossas séries anteriores o fim da escala (Quadro 14).

QUADRO 14

Tribo	Casos	Média	Autor
Tongas-Changanés	128	86,739	Simões Alberto
Nhingués	120	86,465	Santos Júnior
Antumbas	28	83,961	» »
Tauáras (*)	28	83,7	» »
Dêmas (*)	10	83,5	» »
Sengas (*)	20	83,4	» »
Serêros (*)	31	83,2	» »
Macondes	55	82,510	Santos Reis
Chicundas (*)	21	81,7	Santos Júnior
Macondes	386	81,490	Santos Reis
Atandes (*)	20	81,1	Santos Júnior
Macondes	541	80,709	Santos Reis

(*) Médias aritméticas.

3 — Índice esquelético

Este índice, que é a relação centesimal entre a altura do busto e a estatura, põe em relevo as «proporções relativas dos membros inferiores e da parte superior (cabeça, pescoço e tronco) do corpo humano» (A. Sarmiento, 63).

Embora esta relação seja um pouco influenciada pela estatura, tendo os indivíduos baixos um tronco relativamente mais longo e os altos um mais curto, há, segundo Verneau, valores bastante especiais nos Negros e por isso merece ser tomado em consideração para a discriminação dos tipos raciais (36).

Seríamos os nossos casos a 0,50 unidades e obtivemos:

I	Casos	I	Casos	I	Casos
47,0-47,4	5	49,0-49,4	4	51,0-51,4	7
47,5-47,9	1	49,5-49,9	4	51,5-51,9	3
48,0-48,4	4	50,0-50,4	11	52,0-52,4	4
48,5-48,9	3	50,5-50,9	8	52,5-52,9	1

com as seguintes médias:

Média	50,059 ± 0,133
Desvio-padrão.	1,470 ± 0,094
Coefficiente de variação	0,29 ± 0,027
Mínimo	47,19
Máximo.	52,50
Mediana	50,535
Módulo	50,0-50,4 (4)

Os Macondes são, portanto, macrosqueléticos ou, melhor, braquicórmicos, como Vallois propôs ao Congresso Internacional de Antropologia de 1934. Na prática as expressões, «pernas compridas» e «busto curto», equivalem-se.

Segundo a classificação de Giuffrida-Ruggeri verifica-se que os nossos examinados têm forte predomínio da macrosquelia (Quadro 15) e ausência de braquisquelia — o que não acontecia anteriormente — muito embora tenhamos ainda maior variabilidade do que a que foi verificada por Lefrou nos Oualofs do Congo Belga (95 % de

macrosquelia), variabilidade essa que é característica das populações bantós e se opõe à fixidez dos povos sudaneses.

QUADRO 15

Classificação	Casos	%
Macrosquélícos (menos de 51)	40	72,7
Mesatisquélícos (51,1 a 53,0).	15	27,3
Braquisquélícos (mais de 53,1)	0	0
Total. . .	55	100,0

A tribo Maconde situa-se, quanto ao seu índice esquélico, entre os Chopes e os Tauáras (Quadro 16).

QUADRO 16

Tribo	Casos	Média	Autor
Tongas-Changanés	128	51,57	Simões Alberto
Nhungués	120	51,46	Santos Júnior
Antumbas	29	50,92	» »
Quelímanes	2	50,57	Martins d'Alte
Sengas (*)	20	50,48	Santos Júnior
Macondes	386	50,324	Santos Reis
Sereros (*)	31	50,25	Santos Júnior
Landins (?)	57	50,13	Martins d'Alte
Chopes	60	50,13	» »
Macondes	55	50,059	Santos Reis
Tauáras (*)	20	49,96	Santos Júnior
Macondes	541	49,953	Santos Reis
Atandes (*)	20	49,81	Santos Júnior
Macaías	34	49,8	L. Cipriani
Demas (*)	10	49,51	Santos Júnior
Chicundas (*)	21	49,31	» »
Tongas	6	49,17	Martins d'Alte

(*) Obtidos com as médias indicadas pelos Autores.

4 — *Peso*

Muito embora este carácter merístico, considerado isoladamente, não possa servir como critério racial por ser afectado não só pelos factores nutritivos, mas também pela estatura (11), determinámo-lo no nosso grupo pela importância que vulgarmente se concede ao grau de nutrição e à robustez do indivíduo.

Seriados a 1 kgr os nossos examinados apresentaram a seguinte distribuição:

P	Casos	P	Casos	P	Casos
38	1	48	3	58	1
39	—	49	4	59	—
40	—	50	3	60	1
41	—	51	8	61	2
42	1	52	7	62	—
43	—	53	4	63	—
44	1	54	2	64	—
45	3	55	1	65	1
46	3	56	3	66	1
47	2	57	3	—	—

a que corresponderam os valores:

Média	51,600 ± 0,479
Desvio-padrão	5,276 ± 0,339
Coefficiente de variação	10,2 ± 0,971
Mínimo	38
Máximo	66
Mediana	51,812
Módulo	51 (8)

Este nosso valor, concordante com os que já tínhamos obtido nesta tribo, afasta-se bastante da média aritmética indicada pela Missão Antropológica de Moçambique, sem que tenhamos conseguido explicar o facto.

O peso dos nossos examinados é manifestamente insuficiente. Segundo Broca, esta característica, em quilos, deve ser igual ao número de centímetros em que a estatura excede o metro; a nossa série deveria portanto ter um peso médio de 65 kgr!

Os Macondes são a tribo de menor peso médio de Moçambique (Quadro 17).

QUADRO 17

Tribo	Casos	Média	Autor
Tonga-Changana	128	66,80	Simões Alberto
Tongas	327	63,254	S. Alberto — D. Barreto
Rongas	341	63,014	» » — » »
Chopes	107	61,612	» » — » »
Chuábos	50	59,460	» » — » »
Nhungués	120	57,96	Santos Júnior
Antumbas	28	55,30	» »
Achirimas	40	55,150	Simões Alberto
Lómués	55	55,091	» »
Macondes	55	51,600	Santos Reis
»	815	51,226	» »
»	386	51,085	» »

5 — Índice de Röhrer

Este índice, a relação centesimal entre o peso e o cubo da estatura, varia significativamente com o sexo e a idade e é portanto de diminuta importância para a diferenciação racial. Determinámo-lo, porém, pelo que traduz da corpulência e robustez do indivíduo.

Os nossos casos distribuíram-se assim:

I	Casos	I	Casos	I	Casos
0,85-0,91	3	1,06-1,12	6	1,27-1,33	6
0,92-0,98	2	1,13-1,19	18	1,34-1,40	1
0,99-1,05	8	1,20-1,26	10	1,41-1,47	1

a que corresponderam os seguintes resultados:

Média	1,146 ± 0,010
Desvio-padrão.	0,120 ± 0,007
Coefficiente de variação	10,4 ± 1,038
Mínimo	0,85
Máximo.	1,46
Mediana	1,193
Módulo	1,13-1,19 (18)

Como sucedera para o peso os Macondes estão no fim da escala dos índices de Röhrer moçambicanos (Quadro 18).

QUADRO 18

Tribo	Casos	Média	Autor
Tongas	6	1,42	A. Rozeira
Chopes	107	1,392	S. Alberto — D. Barreto
Landins (?)	56	1,37	A. Rozeira
Tonga-Changana	128	1,367	Simões Alberto (*)
Chuábos	50	1,366	S. Alberto — D. Barreto
Chopes	60	1,35	A. Rozeira
Senas	4	1,34	» »
Tongas	326	1,335	S. Alberto — D. Barreto
Rongas	341	1,331	» » — » »
Soldados nativos	537	1,303	Dionísio Barreto
Lómués	55	1,26	Simões Alberto
Achirimas	40	1,243	» »
Nhingués (*)	120	1,22	Santos Júnior
Antumbas (*)	28	1,22	» »
Macondes	815	1,204	Santos Reis
»	386	1,195	» »
»	55	1,146	» »

(*) Determinados com as médias fornecidas pelos Autores.

Esta tribo é nitidamente microbárca. Na classificação de Giuffrida-Ruggeri (Quadro 19) o predomínio deste grupo é ainda mais acentuado que nas nossas anteriores séries.

QUADRO 19

Classificação	Casos	%
Microbária (até 1,33)	53	96,4
Mesobária (de 1,34 a 1,40)	1	1,8
Macrobária (1,41 e mais).	1	1,8
Total.	55	100,0

6 — Grande envergadura

A medição deste carácter é feita, como vimos, com os membros superiores em posição horizontal e por isso a determinação do seu comprimento é menos exacta do que quando é obtida na posição vertical. Além disso, a braça é nitidamente influenciada pelo desenvolvimento da parte superior do tórax — largura biacromial — característica muito variável de indivíduo para indivíduo, independentemente do seu tipo racial.

Por isso, «a pesquisa da grande envergadura deve ser obrigatoriamente completada pela mensuração bi-acromial. Mas pelas razões já referidas ela tem pouco valor e tem sido abandonada cada vez mais». (Chippaux, 15). Contrariamente ao que pensa Verneau, o estudo da braça não traz grande auxílio à discriminação dos grupos raciais negros, e para valorizar o alongamento relativo do membro superior temos que medi-lo directamente (Lefrou).

Os nossos casos variaram de 166 a 188 cm, com as seguintes frequências:

B	Casos	B	Casos	B	Casos
166	3	174	2	182	2
167	3	175	4	183	1
168	3	176	4	184	2
169	4	177	4	185	1
170	3	178	3	186	2
171	2	179	—	187	—
172	3	180	4	188	3
173	1	181	1		

Nesta seriação determinamos os seguintes valores:

Média	175,236 ± 0,531
Desvio-padrão	5,847 ± 0,376
Coefficiente de variação	3,3 ± 0,314
Mínimo	166
Máximo	188
Mediana	175,875
Módulo	169-175-176-177-180 (4)

A esmagadora maioria (96,3 %) dos nossos examinados têm braços compridos, pois a sua braça excede a sua estatura (60), havendo apenas dois casos em que estes caracteres se igualem.

A grande envergadura do povo Maconde apenas se superioriza, em Moçambique, à dos Nhungués e Atandes (Quadro 20).

QUADRO 20

Tribo	Casos	Média	Autor
Bárués	150	Mn 191,3 Mx 164,0	A. Neuparth
Sereros (*)	31	178,4	Santos Júnior
Demas (*)	10	177,9	» »
Chicundas (*)	21	177,8	» »
Macondes	100	177,8	M. Perestrela
Sengas (*)	20	177,2	Santos Júnior
Tauáras (*)	28	176,3	» »
Antumbas (*)	28	175,9	» »
Macondes	55	175,236	Santos Reis
Nhungués (*)	120	173,83	Santos Júnior
Atandes (*)	20	173,8	» »

(*) Médias aritméticas.

7 — Índice crucial de Chervin

«Segundo o canon de Vitruvius, que se refere a um homem harmoniosamente desenvolvido, a grande envergadura e a estatura seriam iguais» (2), mas verificou-se na prática que a primeira ultrapassa um pouco a segunda.

À relação centesimal entre a braça e a estatura chamou Chervin índice crucial, mas as esperanças que nele se depositavam falharam por completo, dadas as críticas a que está sujeito o primeiro destes caracteres merísticos.

Os nossos casos distribuíram-se da seguinte forma:

I	Casos	I	Casos	I	Casos
100	2	105	10	110	1
101	1	106	13	111	3
102	1	107	6	112	2
103	3	108	4		
104	6	109	3		

Os valores médios são:

Média	106,036 ± 0,240
Desvio-padrão	2,648 ± 0,170
Coefficiente de variação	2,4 ± 0,228
Mínimo	100,31
Máximo	112,96
Mediana	106,346
Módulo	106 (13)

Os resultados que têm sido obtidos para este índice mostram-se muito discordantes. Segundo Verneau quando ele atinge ou ultrapassa 108, trata-se dum elemento francamente nigrítico, mas isso só é válido para os sudaneses (36). Os Macondes aproximam-se dos Bondjos estudados por Poutrin e dos Bantos de Yambassa, medidos por Vallois & Millous no Camarão.

Nos povos moçambicanos, esta tribo situa-se entre os Nhungués (Quadro 21) e os Macuas de Moçambique.

QUADRO 21

Tribo	Casos	Média	Autor
Macondes (*)	100	110,2	M. Perestrelo
Serêros (*)	31	107,6	Santos Júnior
Inhambanes	5	107,58	Pires de Lima
Chicundas (*)	21	107,4	Santos Júnior
Quelimanes	11	107,24	Pires de Lima
Sengas (*)	20	107,2	Santos Júnior
Dêmas (*)	10	106,9	» »
Macuas do Niassa	25	106,83	Pires de Lima
Macuas (Quelimane)	12	106,83	» » »
Atandes (*)	20	106,8	Santos Júnior
Antumbas (*)	28	106,6	» »
Tauáras (*)	28	106,5	» »
Landins (?)	14	106,48	Pires de Lima
I. do Litoral Norte	18	106,26	» » »
Nhanguês	16	106,16	» » »
Macondes	55	106,036	Santos Reis
Macuas (Moçambique)	22	106,01	Pires de Lima
Ajauas	13	105,56	» » »
Manicas	34	105,25	» » »
Nhanguês (*)	120	103,5	Santos Júnior

8 — Comprimento total do membro superior

Segundo Topinard, os Negros têm o membro superior mais longo que os Europeus: 45,9 % nos Negros da Argélia, 45,9 % nos Negros de Sangha, 47,5 % nos Negrilhos Babingas, contra 44,7 % dos Franceses (36).

Porque a medida da grande envergadura não põe em evidência este importante carácter, temos que o mensurar directamente (Lefrou), e mesmo quando fazemos a medição dos seus diversos segmentos, também se não dispensa a apreciação da sua totalidade, «*porque cada uma dessas mensurações comporta um erro que falsaria obrigatoriamente o total*» (Chippaux, 15).

A nossa série foi de 66 a 84 cm., da seguinte forma:

M	Casos	M	Casos	M	Casos
66	1	73	5	80	2
67	—	74	5	81	1
68	—	75	7	82	2
69	1	76	4	83	3
70	1	77	5	84	3
71	—	78	5		
72	4	79	6		

Com eles obtivemos os seguintes valores:

Média	76,581 ± 0,357
Desvio-padrão.	3,930 ± 0,252
Coefficiente de variação	5,1 ± 0,485
Mínimo.	66
Máximo.	84
Mediana	76,500
Módulo	75,7

Os Macondes têm os membros superiores mais curtos que os Nhungués e os Antumbas (Quadro 22).

QUADRO 22

Tribo	Casos	Média	Autor
Nhangués	120	78,406	Santos Júnior
Antumbas	28	77,211	» »
Macondes	55	76,581	Santos Reis

9 — Comprimento total do membro inferior

Os pontos de referência para medir o membro inferior variam de antropologista para antropologista, tendo sido utilizados o pubis, a espinha ilíaca antero-superior, o grande trocanter e o plano isquiático.

Por nosso lado foi a partir da espinha íliaca que obtivemos este carácter merístico que variou de 86 a 109 cm com a seguinte distribuição:

M	Casos	M	Casos	M	Casos
86	1	94	7	102	3
87	—	95	2	103	—
88	2	96	4	104	1
89	2	97	6	105	2
90	3	98	4	106	1
91	1	99	2	107	—
92	3	100	1	108	—
93	6	101	2	109	2

que nos deu os valores de:

Média	96,090 ± 0,469
Desvio-padrão	5,167 ± 0,332
Coefficiente de variação	5,3 ± 0,504
Mínimo	86
Máximo	109
Mediana	95,357
Módulo	94 (7)

Como todos os africanos, os Macondes têm os membros inferiores bastante longos (50,01 % da estatura; nos Europeus a relação é de 47,5 %). Em Moçambique, Santos Júnior utilizando a altura do sínfio, a que acrescenta 35 m/m, obteve 92.308 nos Nhungués e 90.817 cm nos Antumbas.

«Como nos Negros os ilions são mais verticais e a bacia mais desenvolvida em altura, o comprimento do membro inferior medido da espinha íliaca parece ser bastante enganador para traduzir o desenvolvimento exacto do membro inferior, e, em suma, o melhor ponto de referência parece ser o isquion» (Lefrou, 36).

Por isso, determinamos por diferença das medidas da estatura e da altura do busto, o comprimento dos membros inferiores de vários povos moçambicanos. Os Macondes confirmam o seu grande comprimento situando-se entre os Dêmas e os Serêros (Quadro 23).

QUADRO 23

Tribo	Casos	Média	Autor
Chicundas	21	83,7	Santos Júnior
Tongas — Changanes	128	83,0	Simões Alberto
Dêmas	10	82,9	Santos Júnior
Macondes	55	82,545	Santos Reis
Serêros	31	82,5	Santos Júnior
Sengas	20	81,8	» »
Tauáras	28	81,7	» »
Nhunguês	120	81,5	» »
Atandes	20	81,5	» »
Antumbas	28	81,0	» »
Macondes	541	81,0	Santos Reis
»	386	80,6	» »

10 — *Índice intermembral*

A relação centesimal entre o comprimento do membro superior e o do membro inferior variou nos nossos casos de 74 a 86:

I	Casos	I	Casos	I	Casos
74	1	79	10	84	2
75	3	80	5	85	—
76	3	81	8	86	1
77	7	82	5		
78	8	83	2		

com os seguintes valores médios:

Média	79,686 ± 0,228
Desvio-padrão	2,507 ± 0,161
Coefficiente de variação	3,1 ± 0,295
Mínimo	74,28
Máximo	86,66
Mediana	80,000
Módulo	79 (10)

Em consequência do relativo desenvolvimento dos seus membros inferiores, os Macondes apresentam um índice intermembral bastante

baixo. Os Nhungués teriam um índice de 84,9 e os Antumbas um de 85,0, utilizando as médias de Santos Júnior (não esquecer que o método de medição do comprimento do membro inferior não é o mesmo que utilizámos). Mas, mesmo usando a medição pelo plano isquiático (Quadro 24), os Macondes continuam a apresentar os valores mais baixos.

QUADRO 24

Tribo	Casos	Média	Autor
Nhungués (*)	120	96,2	Santos Júnior
Antumbas (*)	28	95,3	" "
Macondes (*)	55	92,8	Santos Reis

(*) Determinados com as médias fornecidas pelos Autores.

Hoje, porém, este índice perdeu todo o seu valor tendo sido substituído pelas relações dos membros com a estatura, quase sempre igualada a 100. Também desta forma (Quadro 25) os Macondas apresentam os membros superiores mais curtos e os inferiores (pelo plano isquiático) mais longos do que os outros povos moçambicanos.

QUADRO 25

Caracteres merísticos	Branco (a)	Negro (b)	Nhungué (c)	Antumba (d)	Maconde (e)
Estatura	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
M. superior	44,7	46	46,6	46,8	46,4
M. inferior	47,5	50	48,5	49,1	50,0

- (a) Normando, segundo Lefrou.
 (b) Congolês, segundo Lefrou.
 (c) Médias de 120 casos, segundo Santos Júnior.
 (d) Médias de 28 casos, segundo Santos Júnior.
 (e) Médias de 55 casos, segundo Santos Reis.

11 — *Comprimento da cabeça*

Um dos mais importantes caracteres antropológicos é a forma da cabeça. Quando é vista de cima, pode apresentar-se alongada e estreita ou redonda e larga.

Por o instrumento que tivemos de utilizar não dar distâncias milimétricas tivemos que medir o diâmetro cefálico antero-posterior máximo em centímetros, os quais tiveram a seguinte seriação:

D. A-P	Casos
18	8
19	30
20	15
21	1
22	1

a que correspondem os seguintes valores:

Média	19,218, \pm 0,070
Desvio-padrão	0,778 \pm 0,050
Coefficiente de variação	4,0 \pm 0,380
Mínimo	18
Máximo	22
Mediana	19,650
Módulo	19 (30)

Como é de regra entre os povos africanos os Macondes apresentam uma cabeça comprida (dolicocefala).

Todas as tribos moçambicanas, estudadas até agora, apresentam valores muito aproximados para o comprimento da cabeça, situando-se os nossos examinados entre os Tauáras e os Chicundas (Quadro 26).

QUADRO 26

Tribo	Casos	Média	Autor
Tongas — Changanes	128	19,669	Simões Alberto
Dêmas (*)	10	19,6	Santos Júnior
Antumbas	28	19,593	» »
Serêros (*)	31	19,4	» »
Nhinguês	120	19,382	» »
Tauáras (*)	31	19,3	» »
Macondes	55	19,218	Santos Reis
Chicundas (*)	21	19,2	Santos Júnior
Sengas (*)	27	19,2	» »
Atandes (*)	20	19,1	» »

(*) Médias aritméticas.

12 — *Largura da cabeça*

Em correspondência com o seu relativo comprimento cefálico, os povos negros apresentam um diâmetro transverso máximo pequeno. As tribos moçambicanas não fazem excepção à regra.

Os nossos casos distribuíram-se assim:

D T	Casos
13	5
14	40
15	9
16	1

com as seguintes constantes:

Média	14,109 \pm 0,050
Desvio-padrão	0,561 \pm 0,036
Coefficiente de variação	3,9 \pm 0,380
Mínimo	13
Máximo	16
Mediana	14,562
Módulo	14 (40)

Como para o comprimento da cabeça, o valor do seu diâmetro transversal máximo mostra-se muito igual nos diversos povos da Província (Quadro 27), situando-se os Macondes entre os Tongas-Changanes e os Nhungués.

QUADRO 27

Tribo	Casos	Média	Autor
Antumbas	28	14,424	Santos Júnior
Sengas (*)	27	14,2	» »
Dêmas (*)	10	14,2	» »
Tongas — Changanes	128	14,144	Simões Alberto
Macondes	55	14,109	Santos Reis
Nhungués	120	14,002	Santos Júnior
Atandes (*)	20	14,0	» »
Tauáras (*)	31	13,9	» »
Serêros (*)	31	13,9	» »
Chicundas (*)	21	13,8	» »

13 — Índice cefálico de Retzius

A expressão numérica da forma da cabeça é melhor apresentada pela relação centesimal entre a largura e o comprimento da cabeça. A sua determinação é tão clássica que não pode ser esquecida em nenhum inquérito antropológico.

«Embora o índice cefálico seja influenciado por factores obstétricos, anomalias patológicas, etc., é um carácter relativamente fixo da raça» (33). Contudo, está sujeito a crítica, como o facto de dar apenas uma ideia aproximada da forma do crânio, já que dentro do mesmo rectângulo se podem inscrever formas diversas e ainda por desprezar a altura da cabeça que é muito variável em certas raças (Chippaux).

Agrupamos os nossos casos com um intervalo de classe de 2 unidades:

I	Casos	I	Casos	I	Casos
63-64	1	71-72	4	79-80	—
65-66	1	73-74	22	81-82	—
67-68	1	75-76	2	83-84	1
69-70	12	77-78	11		

o que nos deu as seguintes constantes:

Média	73,100 ± 0,324
Desvio-padrão	3,568 ± 0,229
Coefficiente de variação	4,8 ± 0,457
Mínimo	63,63
Máximo	84,21
Mediana	74,272
Módulo	73-74 (22)

Os Macondes são, portanto, nitidamente dolicocefalos (cabeça alongada), como o são também os australianos, os vedas de Ceilão, os negros de África, os melanésios e os Europeus nórdicos, ocidentais e mediterrânicos, ao passo que os mongóis, eslavos, turcos, bávaros, suíços e muitos índios da América são braquicefalos.

Em confronto com as outras tribos moçambicanas (Quadro 28) os Macondes ficam situados entre os Atandes e Nhungués (Santos Júnior) e os Nhungués (Pires de Lima) e os Dêmas.

Várias têm sido as classificações propostas para este carácter cefálico. Segundo Broca há dolicocefalia com índices inferiores a 79,77, mesaticefalia entre 79,78 e 82 e braquicefalia daí em diante; Martin, porém, altera esses limites para 75,9, 80,9 e mais de 81 respectivamente. A nossa série é quase que exclusivamente dolicocefala (Quadro 29), segundo Broca.

QUADRO 28

Tribo	Casos	Média	Autor
I. do Litoral Norte	18	77,61	Pires de Lima
Macuas de Quelimane	12	74,87	» » »
Ajauas	13	74,74	» » »
Macuas de Niassa	25	74,72	» » »
Macuas de Moçambique	22	74,54	» » »
Manicas	34	74,45	» » »
Quelimanes	11	74,41	» » »
Inhambanes	5	73,93	» » »
Sengas	27	73,79	Santos Júnior
Macaías	34	73,70	L. Cipriani
I. de Moçambique	126	73,69	Maia Mendes
Antumbas	29	73,65	Santos Júnior
Bárués	150	73,60	A. Neuparth
Atandes	20	73,34	Santos Júnior
Nhingués	120	73,20	» »
Macondes	55	73,100	Santos Reis
Nhingués	16	72,96	Pires de Lima
Dêmas	10	72,61	Santos Júnior
Landins (?)	14	72,60	Pires de Lima
Rongas	24	72,29	D. Barreto
Tauáras	31	72,28	Santos Júnior
Macondes	100	72,2	M. Perestrela
Machanganas	99	72,13	D. Barreto
Chicundas	21	72,13	Santos Júnior
Tongas — Changanes	128	71,99	Simões Alberto
Serêros	31	71,83	Santos Júnior
Chopes	67	70,56	D. Barreto

QUADRO 29

Grupos	Casos	%
Dolicocefalia	54	98,2
Mesocefalia	—	—
Braquicefalia	1	1,8
Total.	55	100,0

Estas classificações foram depois subdivididas por Deniker e por Martin. Segundo o primeiro destes autores (Quadro 30) a maioria dos nossos casos fica no grupo dos ultradolicocéfalos.

QUADRO 30

Classificação de Deniker	Casos	%
Ultradolicocéfalos (até 73,9)	41	74,6
Hiperdolicocéfalos (de 74,0 a 75,9)	2	3,6
Dolicocéfalos (de 76,0 a 77,9)	5	9,1
Subdolicocéfalos (de 78,0 a 79,9)	6	10,9
Mesocéfalos (de 80,0 a 81,9)	—	—
Sub-braquicéfalos (de 82,0 a 83,9)	—	—
Braquicéfalos (de 84,0 a 85,9)	1	1,8
Hiperbraquicéfalos (de 86,0 a 87,9)	—	—
Ultrabraquicéfalos (88,0 e mais)	—	—
Total. . .	55	100,0

14 — *Altura máxima da face*

A forma da face é ordinariamente alongada, com a cabeça, mas pode havê-las curtas e arredondadas. São os índices faciais que materializam esta impressão, que relacionam a sua altura com a largura.

Ora a altura da face tem sido diversamente apreciada pelos antropologistas: «*Sob esse nome, designa-se, com efeito, ou a distância em linha recta do ponto mentoniano à raiz dos cabelos, o que é um ponto de referência bastante impreciso em certas faces; ou a distância ofrio-mentoniana ou naso-mentoniana; ou ainda a distância ofrio-alveolar ou naso-alveolar*» (Lefrou, 36).

Modernamente a mais utilizada, por maior facilidade e precisão dos seus pontos de referência, é a naso-mentoniana, também conhecida, entre nós, por altura máxima da face ou altura facial morfológica. Foi esta que estudamos.

Os nossos examinados tinham a seguinte distribuição:

Classes	Casos
10	7
11	23
12	15
13	4
14	2

e os valores estatísticos de:

Média	11,472 \pm 0,085
Desvio-padrão	0,941 \pm 0,060
Coefficiente de variação	8,1 \pm 0,772
Mínimo	10,0
Máximo	14,0
Mediana	11,891
Módulo	11 (23)

Os Macondes têm, pois, uma face muito baixa, que só excede a dos Atandes (Quadro 31).

QUADRO 31

Tribo	Casos	Média	Autor
Nhinguês	120	15,120	Santos Júnior
Serêros (*)	31	12,1	» »
Tauáras (*)	31	12,0	» »
Chicundas (*)	21	11,9	» »
Dêmas (*)	10	11,8	» »
Antumbas (*)	28	11,7	» »
Sengas (*)	27	11,6	» »
Macondes	55	11,472	Santos Reis
Atandes (*)	20	11,2	Santos Júnior

(*) Médias aritméticas.

15 — *Largura da face*

A largura da face avalia-se pelo diâmetro bizigomático. Os nossos valores tiveram a seguinte distribuição:

L. F.	Casos
11	1
12	5
13	28
14	19
15	2

e os seguintes valores:

Média	13,290 \pm 0,068
Desvio-padrão	0,754 \pm 0,048
Coefficiente de variação	5,6 \pm 0,533
Mínimo	11
Máximo	15
Mediana	13,767
Módulo	13 (28)

Os Macondes têm uma face estreita, a mais estreita das estudadas na Província (Quadro 32).

QUADRO 32

Tribo	Casos	Média	Autor
Dêmas (*)	10	13,9	Santos Júnior
Antumbas (*)	28	13,8	» »
Sengas (*)	27	13,7	» »
Chicundas (*)	21	13,6	» »
Serêros (*)	31	13,5	» »
Nhingués	120	13,485	» »
Tauáras (*)	31	13,4	» »
Atandes (*)	20	13,3	» »
Macondes	55	13,290	Santos Reis

(*) Médias aritméticas.

16 — *Índice facial de Garson*

A relação centesimal entre a altura da face e a sua largura variou de 73 a 108, com a seguinte distribuição:

I	Casos	I	Casos	I	Casos
73-74	1	85-86	11	97-98	—
75-76	3	87-88	1	99-100	1
77-78	4	89-90	3	101-102	—
79-80	2	91-92	11	103-104	1
81-82	1	93-94	—	105-106	—
83-84	12	95-96	1	107-108	3

Com esta série obtivemos os valores de:

Média	87,294 ± 0,699
Desvio-padrão	7,694 ± 0,494
Coefficiente de variação	8,8 ± 0,838
Mínimo	73,33
Máximo	108,33
Mediana	86,700
Módulo	83,0-84,9 (12)

portanto dentro dos limites da mesoprosopia, mas com tendência evidente para a leptoprosopia.

A distribuição dos nossos casos na classificação habitual (Quadro 33) confirma este predomínio.

QUADRO 33

Classificação	Casos	%
Hipereuriprosopos (até 78,9)	8	14,5
Euriprosopos (de 79,0 a 83,9)	6	10,9
Mesoprosopos (de 84,0 a 87,9)	21	38,2
Leptoprosopos (de 88,0 a 92,9)	14	25,5
Hiperleptoprosopos (93,0 e mais)	6	10,9
Total	55	100,0

Os Macondes situam-se entre os Tauáras e os Chicundas segundo o índice morfológico de Garson (Quadro 34).

QUADRO 34

Tribo	Casos	Média	Autor
Serêros	31	89,70	Santos Júnior
Tauáras	31	89,50	» »
Macondes	55	87,294	Santos Reis
Chicundas	21	87,02	Santos Júnior
Nhangués	120	85,69	» »
Sengas	27	85,30	» »
Dêmas	10	85,05	» »
Antumbas	28	84,90	» »
Atandes	20	84,06	» »
Tongas-Changanes	128	83,47	Simões Alberto

17 — *Altura do nariz*

Um dos traços do rosto que mais e mais constantemente atrai a atenção do observador é o nariz. «No Negro de África, ele é achatado, desenvolvendo-se em largura, à custa da sua saliência. A base é grossa e afastada devido à moleza das cartilagens e expande-se em duas asas divergentes de narina elíptica» (Lefrou, 36).

Devido às más condições do improvisado instrumento de que tivemos de servir-nos, os valores deste carácter, e dos que vão seguir-se, inspiram muito pouca confiança, requerendo novas medições tècnicamente mais perfeitas. Como, porém, nos é impossível repti-las de momento e não existem outras mensurações, resolvemos mantê-las, embora com todas as naturais reservas.

Os nossos examinados distribuíram-se entre 39 e 51 m/m:

A	Casos	A	Casos	A	Casos
39	2	44	5	49	1
40	4	45	9	50	2
41	2	46	5	51	1
42	5	47	5		
43	7	48	7		

o que nos dá as seguintes constantes:

Média	44,673 \pm 0,265
Desvio-padrão	2,916 \pm 0,187
Coefficiente de variação	6,5 \pm 0,619
Mínimo	39
Máximo	51
Mediana	45,277
Módulo	45 (9)

Os Macondes têm, assim, o nariz mais curto dos povos moçambicanos (Quadro 35).

QUADRO 35

Tribo	Casos	Média	Autor
Nhingués (*)	120	49,53	Santos Júnior
Chicundas (*)	21	49,0	» »
Dêmas (*)	10	49,0	» »
Antumbas (*)	28	48,0	» »
Serêros (*)	31	48,0	» »
Tauáras (*)	31	47,0	» »
Sengas (*)	27	46,0	» »
Atandes (*)	20	46,0	» »
Macondes	55	44,673	Santos Reis

(*) Médias aritméticas.

18 — *Largura do nariz*

As reservas que fizemos para a mensuração da altura nasal, mantêm-se com a mesma acuidade para este carácter merístico.

Os nossos casos distribuíram-se entre 43 e 59 m/m:

L	Casos	L	Casos	L	Casos
43	2	49	6	55	3
44	2	50	3	56	1
45	3	51	6	57	2
46	4	52	9	58	1
47	4	53	3	59	2
48	2	54	2		

com as seguintes constantes:

Média	50,419 ± 0,364
Desvio-padrão	4,012 ± 0,258
Coefficiente de variação	7,9 ± 0,753
Mínimo	43
Máximo	59
Mediana	51,500
Módulo	52 (9)

Os Macondes são o povo de maior largura nasal, dos estudados até hoje em Moçambique (Quadro 36).

QUADRO 36

Tribo	Casos	Média	Autor
Macondes	55	50,419	Santos Reis
Antumbas (*)	28	47,0	Santos Júnior
Nhungués	120	44,875	» »
Chicundas (*)	21	44,0	» »
Sengas (*)	27	44,0	» »
Serêros (*)	31	44,0	» »
Atandes (*)	20	44,0	» »
Tauáras (*)	31	44,0	» »
Dêmas (*)	10	44,0	» »

(*) Médias aritméticas.

19 — Índice nasal de Broca

A relação centesimal entre os comprimentos ou alturas do nariz e a sua largura tem uma importância capital na antropometria do Negro, pois basta por si só para o caracterizar (Legrou). «Num primeiro grupo, Platirrínico (índice ultrapassando 85) encontram-se todos os negros puros tanto da África como da Oceânia, bem assim como os Australianos. No segundo grupo, Mesorrínico (índice de 70 a 85) há apenas os grupos pertencentes ao que se chama raça amarela e vermelha e os grupos negros mestiçados. No terceiro, Leptorrínico (índice inferior a 70) só há Brancos» (36).

A nossa série foi de 100 a 125, com a seguinte distribuição:

I	Casos	I	Casos	I	Casos
100-101	3	110-111	4	120-121	6
102-103	4	112-113	5	122-123	7
104-105	4	114-115	7	124-125	1
106-107	4	116-117	2		
108-109	6	118-119	2		

e os valores seguintes:

Média	112,950 ± 0,637
Desvio-padrão	7,010 ± 0,450
Coefficiente de variação	6,2 ± 0,591
Mínimo	100,0
Máximo	125,6
Mediana	114,770
Módulo	114-115 (7)

Trata-se, portanto, dum povo fortemente platirrínico.

De todas as tribos que têm sido estudadas em Moçambique, os Macondes são a que apresenta maior índice nasal (Quadro 37).

Na escala de Collingnon os nossos casos ocupam apenas os grupos hiperplatirrínicos e ultraplattirrínicos, com predomínio do primeiro (Quadro 38).

QUADRO 37

Tribo	Casos	Média	Autor
Macondes	55	112,950	Santos Reis
Macuas de Moçambique	22	101,05	Pires de Lima
Quelimanes (?)	11	99,54	» » »
Inhambanes (?)	5	98,22	» » »
Nhangués	16	98,03	» » »
Chopes	67	97,53	D. Barreto
Atandes	20	96,84	Santos Júnior
Antumbas	28	96,79	» »
Sengas	27	96,00	» »
Landins (?)	14	95,80	Pires de Lima
Manicos	34	95,72	» » »
Macuas de Quelimane	12	95,45	» » »
Machanganas	99	94,99	D. Barreto
Ajauas	13	94,69	Pires de Lima
I. do Litoral do Norte	18	94,62	» » »
Macuas do Niassa	25	94,09	» » »
Rongas	24	93,87	D. Barreto
Tauáras	31	93,21	Santos Júnior
Dêmas	10	92,71	» »
Serêros	31	92,08	» »
Nhangués	120	90,60	» »
Macaías	34	84,90	L. Cipriani
Chicundas	21	84,12	Santos Júnior

QUADRO 38

Classificação de Collignon	Casos	%
Ultraeptorrínicos (até 39,9)	—	—
Hiperleptorrínicos (de 40,0 a 54,9)	—	—
Leptorrínicos (de 55,0 a 69,9)	—	—
Mesorrínicos (de 70,0 a 84,9)	—	—
Platirrínicos (de 85,0 a 99,9)	—	—
Hiperplatirrínicos (de 100,0 a 114,9)	37	67,3
Ultraplattirrínicos (de 115,0 e mais)	18	32,7
Total.	55	100,0

20 — *Saliência do nariz*

Existem ainda muito poucos elementos para se poder ajuizar capazmente do valor da saliência nasal em antropologia comparada. Adoptámo-lo, porém, como tradução numérica da impressão subjectiva que provoca o maior ou menor achatamento do nariz.

Os nossos casos distribuíram-se entre 10 e 21 m/m:

S	Casos	S	Casos	S	Casos
10	2	14	9	18	5
11	3	15	10	19	6
12	4	16	6	20	1
13	5	17	5	21	1

e deram-nos as seguintes constantes:

Média	15,090 ± 0,233
Desvio-padrão	2,572 ± 0,165
Coefficiente de variação	17,1 ± 1,582
Mínimo	10
Máximo	21
Mediana	15,450
Módulo	15 (10)

Os Macondes têm, portanto, uma saliência do nariz bastante pequena e inferior à que Santos Júnior encontrou nos Nhungués (19,4 m/m) e nos Antumbas (21,0 m/m).

21 — *Índice de saliência do nariz*

A relação centesimal entre a saliência do nariz e a sua largura dá maior expressão à forma das narinas.

Nos nossos examinados a distribuição foi a seguinte:

I	Casos	I	Casos
21-22	4	31-32	5
23-24	4	33-34	5
25-26	11	35-36	4
27-28	5	37-38	2
29-30	11	39-40	4

pelo que obtivemos as constantes de:

Média	29,950 \pm 0,453
Desvio-padrão	4,986 \pm 0,320
Coefficiente de variação	16,6 \pm 1,582
Mínimo	21,7
Máximo	40,9
Mediana	30,586
Módulo	25-26 e 29-30 (11)

as quais são inferiores às determinadas por Santos Júnior nos Antumbas (44,34) e nos Nhunguês (43,29).

CONCLUSÕES

O grupo de 55 Macondes adultos, do sexo masculino, que examinamos apresentaram:

Estatura: 165,055 cm com 30,90 % de alturas abaixo da média.

Altura do busto: 82,510 cm.

Índice esquelético: 50,059 com 72,7 % de macrosquelia.

Peso: 51,600 kgr.

Índice de Röhrer: 1,146 com 96,4 % de microbária.

Grande envergadura: 175,236 cm.

Índice crucial de Chervin: 106,036.

Comprimento do membro superior: 76,581 cm.

Comprimento do membro inferior: 96,090 cm (da espinha ilíaca antero-superior) ou 82,545 cm (pelo plano isquiático).

Índice intermembral: 79,686.

Comprimento da cabeça: 19,218 cm.

Largura da cabeça: 14,109 cm.

Índice cefálico de Retzius: 73,100 com 98,2 % de dolicocefalia e 74,6 % de ultradolicocefalia.

Altura máxima da face: 11,472 cm.

Índice facial de Garson: 87,294 com 38,2 % de mesoprosopos e 25,5 % de leptoprosopos.

Altura do nariz: 44,673 m/m.

Largura do nariz: 50,419 m/m.

Índice nasal de Broca: 112,950 com 67,3 % de hiperplatirrínia.

Saliência do nariz: 15,090 m/m.

Índice da saliência do nariz: 29,950.

Com base nestes valores médios e nos que são apresentados em anexo, podemos definir o tipo médio do Maconde como:

Estatura média, busto curto, macrosquélico, de peso muito escasso e microbária, de grande braça e índice crucial aproximado do dos outros povos moçambicanos, ombros relativamente largos, perímetro torácico insuficiente, ampliação torácica média, ligeiro predomínio abdominal em relação ao tórax, ancas estreitas e membros compridos. O braço é relativamente curto, embora maior que o antebraço que é relativamente mais comprido, coxas bastante compridas e pernas muito aproximadas destas. O índice intermembral é relativamente baixo devido ao predomínio dos membros inferiores.

Dolicocéfalos (Broca) com predomínio da ultradolicocefalia, com um diâmetro frontal mínimo ligeiramente inferior a $3/4$ da largura bizigomática, como sucede também com a largura bigoniaca, que aliás se aproxima mais desta relação. São mesoprosopos com tendência para a leptoprosopia, de baixa altura facial total, mesenos com tendência para leptenos, hiperplatirrínicos, de fraca saliência do nariz, de olhos relativamente afastados e rasgados, boca larga e lábios de espessura aproximada, mas com ligeiro predomínio do inferior.

RESUMO

O Autor realiza um extenso trabalho sobre a «Antropometria da Tribo Maconde», que habita ao norte da Província de Moçambique, nas proximidades do Rio Rovuma.

Tendo por base vários valores médios e outros importantes elementos que apresenta em numerosos quadros, contribui com este importante trabalho sobre os Macondes, para que o tipo médio desta tribo, fique assim bem definido.

RÉSUMÉ

L'auteur réalise un détaillé travail sur l'«Anthropométrie de la tribu Maconde», laquelle habite au Nord de la Province de Moçambique, dans les proximités du Fleuve Rovuma.

En se fondant sur quelques valeurs moyens et d'autres importants éléments, qu'il présente sur des nombreux tableaux, l'auteur contribue avec cet important et intéressant travail sur les Macondes, pour que le type moyen de cette tribu, soit ainsi bien défini.

SUMMARY

The author realizes an extensive work on the «Anthropometry of the Maconde tribe», who live in a Northern Province of Moçambique, in the surroundings of the Rovuma River.

Based on various average values and other important elements, which are presented in numerous tables, the author contributes with this important and interesting work, on the Macondes' tribe, for the average type of this tribe, to be in this case well defined.

ANEXO

Caracteres merísticos de 55 Macondes

Caracteres	Média	Desvio-padrão	Coefficiente de variação	Mediana
Estatura	165,055 ± 0,639	7,030 ± 0,452	4,2 ± 0,400	164,250
Altura do busto	82,510 ± 0,412	3,056 ± 0,291	3,7 ± 0,352	83,612
Índice esquelico	50,059 ± 0,133	1,470 ± 0,094	0,29 ± 0,027	50,535
Grande envergadura	175,236 ± 0,531	5,847 ± 0,376	3,3 ± 0,314	175,875
Índice crucial	106,036 ± 0,240	2,648 ± 0,170	2,4 ± 0,228	106,346
Largura biacromal	36,681 ± 0,290	3,200 ± 0,205	8,7 ± 0,829	36,535
» » / estatura	22,263 ± 0,171	1,887 ± 0,121	8,4 ± 0,800	22,720
Perímetro torácico médio	81,636 ± 0,342	3,762 ± 0,241	4,6 ± 0,438	81,850
Ampliação torácica	5,000 ± 0,084	0,933 ± 0,059	18,6 ± 1,773	5,568
Comprimento do esterno	16,437 ± 0,151	1,371 ± 0,107	10,1 ± 0,963	17,270
» » abdómen	38,219 ± 0,221	2,439 ± 0,156	6,3 ± 0,600	38,834
Largura bitrocantérica	27,782 ± 0,131	1,448 ± 0,093	5,2 ± 0,495	28,658
Diâmetro biilíaco	21,490 ± 0,147	1,097 ± 0,104	5,1 ± 0,486	21,884
» » / estatura	13,027 ± 0,077	0,851 ± 0,054	6,5 ± 0,619	13,133
Comprimento do braço	30,418 ± 0,162	1,785 ± 0,114	5,8 ± 0,553	30,772
» » antebraço	28,563 ± 0,192	2,112 ± 0,135	7,3 ± 0,696	28,875
» da mão	19,218 ± 0,077	0,851 ± 0,054	4,4 ± 0,419	19,750
» do membro superior	76,581 ± 0,357	3,930 ± 0,252	5,1 ± 0,485	76,500
Comprimento da coxa	48,964 ± 0,325	3,577 ± 0,230	7,3 ± 0,695	49,562

Caracteres	Média	Desvio-padrão	Coefficiente de variação	Mediana
Comprimento da perna . . .	42,145 ± 0,239	2,631 ± 0,169	6,2 ± 0,590	41,833
Altura do pé	5,027 ± 0,041	0,459 ± 0,029	9,1 ± 0,866	5,300
Comprimento do membro inferior	96,090 ± 0,469	5,167 ± 0,332	5,3 ± 0,504	95,357
Índice intermembral	79,686 ± 0,228	2,507 ± 0,161	3,1 ± 0,295	80,000
Comprimento do pé	25,400 ± 0,106	1,170 ± 0,075	25,0 ± 0,438	25,591
Peso	51,600 ± 0,479	5,276 ± 0,339	10,2 ± 0,971	51,812
» teórico (Bornhart)	56,327 ± 0,375	4,134 ± 0,265	7,3 ± 0,695	55,500
Índice de Bouchard	3,120 ± 0,192	2,120 ± 0,136	6,7 ± 0,672	3,116
» » Röhrer	1,146 ± 0,010	0,120 ± 0,007	10,4 ± 1,038	1,193
» » Livi	22,527 ± 0,074	0,791 ± 0,050	3,5 ± 0,333	22,898
» » Aranzadi	49,559 ± 0,216	2,379 ± 0,153	4,7 ± 0,447	50,040
» » Pignet-Mayet	31,530 ± 0,716	7,881 ± 0,506	25,0 ± 2,380	32,865
» » Lefrou	50,746 ± 0,651	7,161 ± 0,460	14,1 ± 1,342	52,627
» » Vervaeck	80,664 ± 0,411	4,530 ± 0,591	5,6 ± 0,533	81,358
Comprimento da cabeça	19,218 ± 0,070	0,778 ± 0,050	4,0 ± 0,380	19,650
Largura da cabeça	14,109 ± 0,050	0,561 ± 0,036	3,9 ± 0,380	14,562
Índice cefálico	73,100 ± 0,324	3,568 ± 0,229	4,8 ± 0,457	74,272
Semissoma dos diâmetros cefálicos	16,664 ± 0,049	0,523 ± 0,033	3,1 ± 0,295	16,902
Largura bizigomática	13,290 ± 0,068	0,754 ± 0,048	5,6 ± 0,533	13,767
Diâmetro frontal mínimo	99,455 ± 0,856	9,415 ± 0,605	9,4 ± 0,895	103,205
Índice jugo-frontal	73,940 ± 0,463	5,102 ± 0,328	6,9 ± 0,657	73,575

Caracteres	Média	Desvio-padrão	Coefficiente de variação	Mediana
Largura bigoniáca	9,873 ± 0,049	0,541 ± 0,034	5,4 ± 0,514	10,407
Índice jugo-mandibular	74,323 ± 0,456	5,020 ± 0,322	6,7 ± 0,638	76,569
Altura máxima da face	11,472 ± 0,085	0,941 ± 0,060	8,1 ± 0,772	11,891
Índice facial morfológico	87,294 ± 0,699	7,694 ± 0,494	8,8 ± 0,838	86,700
Altura facial total	17,873 ± 0,090	0,991 ± 0,063	5,5 ± 0,523	18,305
Índice facial fisionómico	134,120 ± 0,794	8,738 ± 0,561	6,5 ± 0,619	136,654
Altura da face superior	66,905 ± 0,712	7,835 ± 0,503	11,7 ± 1,114	68,320
Índice facial superior morfológico	50,305 ± 0,619	6,807 ± 0,437	13,5 ± 1,286	52,513
Altura do nariz	44,673 ± 0,265	2,916 ± 0,187	6,5 ± 0,619	45,277
Largura do nariz	50,419 ± 0,364	4,012 ± 0,258	7,9 ± 0,753	51,500
Índice nasal	112,950 ± 0,637	7,010 ± 0,450	6,2 ± 0,591	114,770
Saliência do nariz	15,090 ± 0,233	2,572 ± 0,165	17,1 ± 1,582	15,450
Índice de saliência do nariz	29,950 ± 0,453	4,986 ± 0,320	16,6 ± 1,582	30,586
<i>Largura interorbitária:</i>				
Interna	37,200 ± 0,313	3,445 ± 0,221	9,2 ± 0,876	37,938
Externa	105,473 ± 0,485	5,338 ± 0,343	5,0 ± 0,476	106,312
Largura da boca	60,000 ± 0,324	3,562 ± 0,229	5,9 ± 0,561	61,050
<i>Altura dos lábios:</i>				
Superior	13,146 ± 0,272	2,999 ± 0,192	22,8 ± 2,171	13,955
Inferior	13,654 ± 0,253	2,595 ± 0,166	19,0 ± 1,809	

BIBLIOGRAFIA

- (1) ABREU, Abilio Augusto de Brito e — «A mulher na Arte Gentilica (Macondes)». Doc. Moçambique, n.º 4, 1935.
- (2) ALBERTO, Manuel Simões — «O «Mapico» — dança dos Macondes». Revista Império, n.º 4, Agosto de 1951.
- (3) ALBERTO, Manuel Simões — in (6).
- (4) ALBERTO, Manuel Simões — «Contribuição para o Estudo da Relação entre os Grupos Sanguíneos e os Caracteres Físicos dos Negros de Moçambique (Tribo Tonga-Changane)». Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique (B.S.E.M.), n.º 85, Maio-Junho, 1954.
- (5) ALBERTO, Manuel Simões — «Contribuição para o Estudo Antropológico dos Tongas do Sul». B.S.E.M., n.º 92, Maio-Junho, 1955.
- (6) ALBERTO, Manuel Simões & BARRETO, Artur Dionísio — «Contribuição para o Estudo das Variações dos Índices de Robustez. Vitalidade e Corpulência dos Soldados Negros de Moçambique». B.S.E.M., n.º 74, Abril-Junho, 1952.
- (7) ALTE, Jorge Alberto Martins d' — «O Índice Esquelico nos Indígenas das Colónias». Trabalhos do I Congresso Nacional de Antropologia Colonial (C.A.C.), Porto, 1934.
- (8) BARRETO, Artur Dionísio — «Subsídios para o Estudo Antropológico dos Indígenas Moçambicanos». B. S. E. M., n.º 68, Janeiro-Março, 1951.
- (9) BARRETO, Artur Dionísio — «Contribuição para o Estudo dos Índices Cefálico e Nasal dos Indígenas de Moçambique». B.S.E.M., n.º 85, Maio-Junho 1954
- (10) BAPTISTA, Abel dos Santos — «Monografia Etnográfica dos Macuas». Lisboa, 1951.
- (11) BEALS, Ralph L. & HOIJER, Harry — «An Introduction to Anthropology, New York, 1954.
- (12) BOLÉO, J. Oliveira — «Moçambique», Lisboa, 1951.
- (13) CABRAL, António Augusto Pereira — «Raças, Usos e Costumes dos Indígenas da Província de Moçambique», Lourenço Marques, 1925.
- (14) CAROTHERS, J. C. — «Psychologie Normale et Pathologique de l'Africain», Genève, 1954.
- (15) CHIPPAUX, Claude — «Éléments d'Anthropologie», Marseille, s/d (1948).
- (16) CIPRIANI, Lídio — «Ricerca Antropometrica nel Mozambico». Rivista di Biologia, 22: 3, 1937, Fireuse.
- (17) Comissão de Cartografia — «Dicionário Corográfico da Província de Moçambique Território de Cabo Delgado (Companhia do Niassa), Lisboa, 1919.
- (18) CORREIA, A. Mendes — «Raças do Império», Porto, 1943.
- (19) CORVO, João Andrade — «Estudos sobre as Províncias Ultramarinas», Vol. II, Lisboa, 1884.
- (20) COSTA, Maria Irene Leite da — «Coeficiente de Pignet nos Indígenas das Colónias». C.A.C., Porto, 1934.

- (21) COTA, José Gonçalves — «Projecto Definitivo do Estatuto do Direito Privado dos Indígenas da Colónia de Moambique», Lourenço Marques, 1946.
- (22) COUTINHO, J. de Azevedo — «Do Niassa a Pemba. Os Territórios da Companhia do Niassa. O Futuro Porto Comercial da Região dos Lagos», Lisboa, 1893.
- (23) CUNHA, Joaquim d'Almeida da — «Estudo acerca dos Usos e Costumes dos Banianes, Batiás, Parses, Mouros, Gentios e Indígenas», Moçambique, 1885.
- (24) DAVID, J. M. Santos — «Contribuição para o Estudo da Antropologia dos Indígenas da Lunda e Songó». Anais do Instituto de Medicina Tropical (A.I.M.T.), Vol. 10, n.º 4 (Fasc. II), Dezembro, 1953.
- (25) DENIKER, J. — «Les Races et les Peuples de la Terre», 2.ª edição, Paris, 1926.
- (26) EÇA, Vicente de Almeida — «Esboço Geográfico-Histórico dos Territórios Portugueses entre o Índico e o Niassa». Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa (B.S.G.L.), 19.ª série, n.º 7-12, Abril a Junho, 1901.
- (27) FERREIRA, A. Rita — Comunicação pessoal.
- (28) FERREIRINHA, Felisberto — «A Estatuária dos Macondes», B.S.E.M., n.º 63, Dezembro de 1949.
- (29) FRIZZI, Ernesto — «Antropologia», Barcelona, 1943.
- (30) GALVÃO, Henrique & SELVAGEM, Carlos — «Império Ultramarino Português», Vol. IV, Lisboa, 1953.
- (31) GARCIA, Arlindo Guerra Viegas — «Respostas ao Questionário apresentado pelo Ex.º Sr. Inspector Manuel Metello Raposo de Liz Teixeira», Mocimboa da Praia, 1951. Inédito.
- (32) GOUVEIA, D. H. Godinho & AZEVEDO, Ário L. — «Características e Distribuição dos Solos de Moçambique». Doc. Moçambique, n.º 57, 1949.
- (33) «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», Lisboa, s/d.
- (34) HENRIQUES, F. Figueira — «Para um Melhor Conhecimento dos Cacondas». A. I. M.T., Vol. X, n.º 4 (Fasc. II), Dezembro de 1953.
- (35) KOCH, Padre, — «Região dos Macondes». Boletim Geral das Colónias, Ano X, n.ºs 110-111, Agosto-Setembro de 1934.
- (36) LEFROU, G. — «Le Noir d'Afrique (Anthropo-Biologie et Raciologie)», Paris, 1943.
- (37) LEWIS, Julian Herman — «The Biology of the Negro», Chicago, 1942.
- (38) LIMA, Américo Pires de — «Contribuição para o Estudo Antropológico dos Indígenas de Moçambique». Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Porto, Vol. IV, n.º 3, 1918.
- (39) LIMA, J. A. Pires de — «Os Povos do Império Português», Porto, 1938.
- (40) MARTINS, J. Oliveira — «O Brasil e as Colónias Portuguesas», 6.ª edição, Lisboa, 1953.
- (41) MATEUS, Amílcar de Magalhães — «Canones Antropométricos em Indígenas Masculinos das Colónias». C.A.C., Porto, 1934.
- (42) MENDES, Ângelo Maia — «Correlação entre a Estatura e o Índice Cefálico dos Negros». C.A.C., Porto, 1934.

- (43) MONTEZ, Caetano — «As Raças Indígenas de Moçambique». Doc. Moçambique, N.ºs 22, 23 e 25, Lourenço Marques, 1946.
- (44) NEUPARTH, Augusto Eduardo — «Zambézia e Bárúé». B.S.G.L., 25.ª série, n.º 3, Março, 1907.
- (45) ORNELAS, Ayres d' — «Raças e Línguas Indígenas em Moçambique» — Lisboa, 1901.
- (46) PEREIRA, Frederico Vitória — Relatório da Delegacia de Saúde de Mocimboa da Praia», 1947. Inédito.
- (47) PERESTRELO, Herculano Manso — «Relatório da Circunscrição dos Macondes», 1930. Inédito.
- (48) REIS, Carlos Santos — «Contribuição para o Estudo da Robustez da Raça Maconde». B.S.E.M., n.º 86, Julho-Agosto, 1954.
- (49) REIS, Carlos Santos — «Variações da Robustez dos Trabalhadores Macondes». B.S.E.M., n.º 93, Julho-Agosto, 1955.
- (50) REIS, Carlos Santos — «A Iniciação Maconde». B.S.E.M., n.º 94, Setembro a Outubro, 1955.
- (51) REIS, Carlos Santos — «Os grupos Sanguíneos na Determinação da Origem Etnológica dos Ma-Konde». B.S.E.M., n.º 96, Janeiro-Fevereiro, 1956.
- (52) Repartição Técnica de Estatística — «Anuário Estatístico da Província de Moçambique (1926 a 1954), Lourenço Marques, 1928 a 1955.
- (53) Repartição Técnica de Estatística — «Recenseamento Geral da População em 1950. II — População não Civilizada», Lourenço Marques, 1955.
- (54) ROZEIRA, Arnaldo — «O Índice Bário nos Indígenas das Colónias» — C.A.C., Porto, 1934.
- (55) SANTOS, Luís A. Duarte — «Biotipologia Humana», Coimbra, 1941.
- (56) SANTOS JÚNIOR, J. Rodrigues dos — «Contribuição para o Estudo da Antropologia de Moçambique (Algumas Tribos do Distrito de Tete)», Porto, 1944.
- (57) SANTOS JÚNIOR, J. Rodrigues dos — «Alguns Aspectos da 4.ª Campanha da Missão Antropológica de Moçambique». Bulletin de la Societé Portugaise des Sciences Naturelles, Tome xv, n.º 23, 1947.
- (58) SANTOS JÚNIOR, J. Rodrigues dos — «Nótulas Etnográficas de Moçambique». Revista do Ultramar, Ano III, n.º 20, Setembro, 1950.
- (59) SANTOS JÚNIOR, J. Rodrigues dos — «Carta Etnológica de Moçambique». Separata da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1952.
- (60) SARMENTO, Alexandre — «Sobre alguns Caracteres Antropométricos da População Quibunda do Bié». África Médica, n.º 12, 1944.
- (61) SARMENTO, Alexandre — «Contribuições para o Estudo da Antropologia de Angola (Gandas)». Anais da Junta de Investigações Coloniais, Tomo v, Estudos de Antropologia e Etnologia, 1949.
- (62) SARMENTO, Alexandre — «Contribuição para o Estudo da Antropologia dos Bailundos» — A.I.M.T., Vol. 10, n.º 4 (Fac. II), Dezembro de 1953.
- (63) SARMENTO, Alexandre — «Os Huambos (Subsídios para o Estudo da sua Antropologia Física, Biológica e Cultural)». A.I.M.T., Vol. 13, N.º 1-2, Março, Junho, 1956.

- (64) SOUSA, A. F. Gomes e — «Um Esboço Fitogeográfico de Moçambique». B.S.E.M., N.º 57-58, Abril-Setembro, 1948.
- (65) THMSON, J. Arthur — «Panorama da Ciência Contemporânea», Lisboa, 1947.
- (66) TOPINARD, P. — «L'Anthropologie», Paris, 1879.
- (67) VELHO, José Raimundo da Palma — «A Tomada de Tunqué no Parlamento e na Imprensa», Lisboa, 1887.
- (68) WORSFORD, W. Basil — «Portuguese Nyassaland», London, 1899.

Imprensa Portuguesa ★ Rua Formosa, 108-116 ★ PORTO